

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"**  
**FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Laura Lima Kerche

**DISPUTAS DISCURSIVAS NO G1: gênero e sexualidade e os usuários-mídia no  
caso do humorista Paulo Gustavo**

Bauru  
2024

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO Av. Eng. Luiz Edmundo  
Carrizo Coube, 14-01 - Vargem Limpa. Bauru - SP - Brasil. Fone: 14 3103-6057  
e-mail [spg.faac@unesp.br](mailto:spg.faac@unesp.br) [www.faac.unesp.br](http://www.faac.unesp.br)

LAURA LIMA KERCHE

DISPUTAS DISCURSIVAS NO G1: gênero e sexualidade e os usuários-mídia no caso do humorista Paulo Gustavo

Dissertação apresentada por Laura Lima Kerche à Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Bauru, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Larissa Maués Pelúcio Silva.

BAURU  
2024

---

K39d Kerche, Laura  
DISPUTAS DISCURSIVAS NO G1 : Gênero e sexualidade e os usuários-mídia no caso do humorista Paulo Gustavo / Laura Kerche. -- Bauru, 2024  
80 p. : tabs., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru  
Orientadora: Larissa Pelúcio

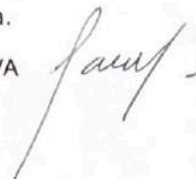
1. Sexualidade. 2. Gênero. 3. Mídia digital. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE LAURA LIMA KERCHE, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 25 dias do mês de setembro do ano de 2024, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE Mestrado de LAURA LIMA KERCHE, intitulada **DISPUTAS DISCURSIVAS NO G1: gênero e sexualidade e os usuários-mídia no caso do humorista Paulo Gustavo**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professora Associada LARISSA MAUÉS PELÚCIO SILVA (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Unesp - Câmpus de Bauru), Professora Doutora MICHELLE ROXO DE OLIVEIRA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design Bauru, Professor Doutor FELIPE VIERO KOLINSKI MACHADO MENDONÇA (Participação Virtual) do(a) PPGCOM-UFOP / Universidade Federal de Minas Gerais. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professora Associada LARISSA MAUÉS PELÚCIO SILVA



Dedico esta dissertação a todos os professores que passaram pela minha trajetória, que me apoiaram e me incentivaram para que eu pudesse ter o amparo e a confiança para chegar até aqui. A eles, meu muito obrigada por sempre acreditarem em mim.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente aos meus pais, que sempre me apoiaram e acreditaram em mim. Obrigada por serem o meu maior exemplo, de sucesso acadêmico e de amor, e por estarem ao meu lado em todos os momentos em que, cansada, pensei em desistir. Vocês são a minha rocha e meu amparo, e jamais poderei agradecer o suficiente por estarem sempre aqui por mim. Amo vocês!

A minha irmã, Ana Luiza, minha maior fonte de alegria nos momentos difíceis. Não sei o que seria de mim sem você para me animar e me fazer rir, especialmente nos dias em que tudo me fazia chorar. Você foi a força que eu precisava mais vezes do que posso contar, obrigada por estar sempre comigo! Te amo muito.

Ao meu noivo, Guilherme, que sempre me incentivou e deu seu jeito de estar ao meu lado, mesmo quando fisicamente distante. Só você sabe a diferença que uma ligação com palavras de carinho é capaz de fazer num dia ruim. Obrigada por me mostrar que cada momento com aqueles que amamos conta mais que qualquer dia distante. Te amo.

A minha psicóloga, Elza Magnoler, que se manteve infinitamente paciente durante as muitas horas em que descrevi minha dissertação e os anseios que vieram com ela. Essa pesquisa não teria chegado até aqui sem você.

A minha querida amiga, Sabrina, você foi uma luz nos momentos mais difíceis que encarei. Obrigada por sempre ter um ombro amigo e uma hora para tomar um café comigo, não sei viver sem nossos momentos.

A minha orientadora, professora Larissa Pelúcio, por orientar esta dissertação, por confiar em mim e por todo o apoio durante a realização desta pesquisa. Agradeço pela paciência e disponibilidade ao longo dos últimos anos.

Aos professores Felipe Viero e Michelle Roxo, membros da banca pela dedicação com a leitura da minha pesquisa, e pelos comentários durante a banca e qualificação. Agradeço por ter professores como vocês avaliando meu trabalho.

## **RESUMO**

O presente projeto objetiva compilar, categorizar e analisar disputas discursivas na interação de leitoras e leitores com conteúdos noticiosos de uma grande mídia profissional em torno dos vocabulários acionados por jornalistas para tratar de notícias que envolvem as sexualidades e gêneros dissidentes. Para empreender tal análise, tomamos como campo investigativo o Portal de Notícias G1, onde objetivamos cotejar produção e recepção de conteúdo, entendendo o público leitor como agentes ativos da recepção (usuários-mídia). O projeto visa reconhecer e detalhar os regimes discursivos que estão em disputa na sociedade e como eles podem ser percebidos na interação produtor-receptor. Para tanto, elegemos as notícias referentes ao falecimento do ator e humorista, Paulo Gustavo, ocorrido em maio de 2021 e suas repercussões posteriores. Objetivamos assim, analisar como a grande imprensa profissional tem se apropriado do vocabulário teórico e político para tratar temas como gênero e sexualidade e a forma como usuários/as-mídia interagem e reagem a esses mesmos conteúdos. Para isso, elegemos 14 matérias e delas cerca de 50 comentários, dentre os quais selecionamos aqueles cujo teor central tratava sobre o uso da linguagem escolhida pelo G1. A partir do material selecionado buscamos reconhecer e organizar as disputas linguísticas em categorias analíticas, as quais serão discutidas a partir dos aportes de Judith Butler para a discussão sobre gênero, sexualidade e linguagem, bem como na linguística queer, além de diálogos estreitos com a teoria das mediações.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Sexualidades dissidentes; Gênero; Usuário-mídia; Práticas discursivas; Paulo Gustavo.

## **ABSTRACT**

This project aims to compile, categorize and analyze discursive disputes in the interaction of readers with news content from a major professional media around the vocabularies used by journalists to deal with news involving dissident sexualities and genders. In order to carry out this analysis, we have taken the G1 News Portal as our investigative field, where we aim to compare the production and reception of content, understanding the reading public as active agents of reception (media users). The project aims to recognize and detail the discursive regimes that are in dispute in society and how they can be perceived in the producer-receiver interaction. To this end, we have chosen the news about the death of actor and comedian Paulo Gustavo in May 2021 and its subsequent repercussions. Our aim was to analyze how the mainstream professional press has used theoretical and political vocabulary to address issues such as gender and sexuality and how media users interact and react to this content. Based on the material selected, we seek to recognize and organize the linguistic disputes into analytical categories, which will be discussed based on Judith Butler's contributions to the discussion on gender, sexuality and language, as well as queer linguistics, in addition to close dialogues with the theory of mediations.

## **KEYWORDS:**

Dissident sexualities; Gender; User-media; Discursive practices; G1; Mediation; Circulation; Paulo Gustavo.

## SUMÁRIO

Introdução .....	11
Capítulo 1 - Linguagem e Sexualidade como Marcadores Sociais da Diferença ....	19
1.1 O papel da linguagem na representação dos marcadores sociais .....	19
1.2 O papel da mídia na representação dos marcadores sociais .....	28
1.2.1 A vida de Paulo Gustavo e sua presença na mídia .....	30
1.2.2 O falecimento de Paulo Gustavo e sua cobertura pelo G1 .....	34
Capítulo 2 - O discurso sobre o gênero e sua recepção .....	40
2.1 A formação do discurso da mídia .....	40
2.2 A recepção do discurso da mídia .....	50
2.2.3 Os usuários mídia .....	52
Capítulo 3 - A repercussão do discurso midiático .....	55
3.1 O discurso de ódio na mídia .....	62
3.1.1 A linguagem como ferramenta do discurso .....	64
3.2 A intencionalidade dos atos de fala .....	66
Considerações finais .....	69
Referências .....	71

## ÍNDICE DE FIGURAS

Imagem 1 - Manchete sobre o falecimento de Paulo Gustavo veiculada pelo G1 Rio em 06 de maio de 2021 .....	47
Imagem 2 - Thumbnail da reportagem “Paulo Gustavo representou mais que o humor”, veiculada pelo programa televisivo Bom Dia Rio no G1 em 05 de maio de 2021 .....	47
Imagem 3 - Chamada de uma reportagem sobre a atuação de Paulo Gustavo nas pautas sociais, veiculada pelo programa televisivo Jornal Globonews edição das 18 no G1 em 05 de maio de 2021 .....	48
Imagem 4 - Capa no Instagram da matéria “Irmã de Paulo Gustavo manda recado a Bolsonaro: Nunca mais ponha na sua boca o nome do meu irmão” publicada em 20/05/2021 .....	56
Imagem 5 - Comentário no Instagram na matéria “Irmã de Paulo Gustavo manda recado a Bolsonaro: Nunca mais ponha na sua boca o nome do meu irmão” publicada em 20/05/2021 .....	56
Imagem 6 - Comentário no Instagram na matéria “Irmã de Paulo Gustavo manda recado a Bolsonaro: Nunca mais ponha na sua boca o nome do meu irmão” publicada em 20/05/2021 .....	57
Imagem 7 - Capa do Instagram da matéria “Força, Paulo Gustavo! Marido de ator faz post com ‘foto’ dos dois velhinhos” publicada em 04/04/2021 .....	58
Imagem 8 - Comentário no Instagram na matéria “Força, Paulo Gustavo! Marido de ator faz post com ‘foto’ dos dois velhinhos” publicada em 04/04/2021 .....	58
Imagem 9 - Capa no Instagram da matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021 .....	59
Imagem 10 - Comentário no Instagram na matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021 .....	60

Imagem 11 - Capa no Instagram da matéria “Missa de 7º dia de Paulo Gustavo reúne amigos e familiares no Cristo Redentor; emocionada, mãe diz estar pedindo ajuda a Deus” publicada em 11/05/2021 .....	60
Imagem 12 - Comentário no Instagram na matéria “Missa de 7º dia de Paulo Gustavo reúne amigos e familiares no Cristo Redentor; emocionada, mãe diz estar pedindo ajuda a Deus” publicada em 11/05/2021 .....	61
Imagem 13 - Comentário no Instagram na matéria “Força, Paulo Gustavo!. Marido de ator faz post com ‘foto’ dos dois velhinhos” publicada em 04/04/2021.....	63
Imagem 14 - Comentário na matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021.....	65
Imagem 15 - Comentário na matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021.....	65
Imagem 16 - Comentário na matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021.....	65

## 1. INTRODUÇÃO

A linguagem é uma característica indissociável do ser humano. Quando contamos a história da humanidade, sua evolução com o passar dos séculos, sempre o fazemos através da linguagem, num movimento metalinguístico que nos permite perceber que sem a expressão linguística, somos pouco capazes de definir nossa própria humanidade.

Desde as pinturas rupestres nas paredes de cavernas pré-históricas até o desenvolvimento de inúmeros sistemas linguísticos complexos existentes atualmente, vemos que a humanidade faz uso da linguagem, verbalizada ou não, oralizada ou não, para expressar-se e comunicar-se com os demais. Esse recurso comunicativo é o que possibilita nosso desenvolvimento, o registro do passado para uso no futuro, e também aquilo que nos conta quem fomos e que especula sobre quem seremos.

Somos aquilo que os regimes de verdade nos tornam, nos tornamos aquilo que é comunicado aos demais; logo, a linguagem não é outra senão a materialização da nossa imagem aos demais, aquela que tira do campo individual e permite a exposição ao mundo social. Nossa imagem social é construída pelos discursos hegemônicos, ou seja, pelo que é dito de nós, de forma que aquilo que não é construído através do discurso social não é visto como parte daquilo que somos, tornando-nos um produto performático da linguagem.

Sendo, portanto, a linguagem a responsável pela transmissão do individual ao mundo coletivo, e vice-versa, podemos inferir enquanto parte constituinte da realidade social. Somos quem dizemos ser, mas também somos aquilo que dizem de nós. Logo, é aquilo que é dito que constroi nossa imagem social, o que os demais membros da sociedade enxergam em nós, fazendo com que, socialmente, sejamos apenas aquilo que é dito, o que é comunicado.

Por essa lógica, podemos concluir que ao mudarmos o que é dito sobre algo, mudaremos também a imagem que esse algo reflete para a sociedade, uma vez que sua construção imagética é composta em partes pela linguagem.

¿Podría acaso el lenguaje herirnos si no fuéramos, en algún sentido, seres lingüísticos, seres que necesitan del lenguaje para existir? ¿Es nuestra vulnerabilidad respecto al lenguaje una consecuencia de nuestra constitución lingüística? Si estamos formados en el lenguaje, entonces este poder constitutivo precede y condiciona cualquier decisión que pudiéramos tomar sobre él,

insultándonos desde el principio, desde su poder previo (BUTLER, 2004, p.16).<sup>1</sup>

Em outras palavras, de maneira simplificada, seria como dizer que podemos mudar a ideia social de alguma coisa ou alguém mudando a forma como nos referimos a ela, como a descrevemos e representamos perante o imaginário popular.

Deborah Cameron nos empresta o conceito de “guerrilhas linguísticas” (2012) que podemos aplicar nas disputas identitárias ocorridas no nível do discurso. A questão do gênero, por exemplo, é protagonista constante das guerrilhas linguísticas, e a formação da imagem social a partir de discursos hegemônicos, ou seja, daquilo que é mais socialmente aceito, é uma presença assídua na visão da linguagem enquanto construtora da realidade identitária. Aquilo que é considerado linguisticamente correto é tensionado pela visão social daquilo que é aceitável ser, o que é dito (ou não dito) é reflexo daquilo que se pode ser ou não, trazendo a realidade social para a linguística através de um discurso muitas vezes excludente que se esconde atrás do “bom português”, por exemplo.

Com maior enfoque na questão do gênero da linguagem, temos a visão da filósofa Judith Butler. Na visão de Butler (2004), o gênero é que dá inteligibilidade ao sujeito dentro de um sistema heteronormativo. É fato que o gênero é uma parte de quem somos, logo, é também representado e comunicado aos demais através da linguagem. É ela o mecanismo de expressão que usamos para transpor a barreira do que é restrito à nossa compreensão individual para uma esfera pública, diminuindo o caráter de abstração do pensamento ao expô-lo para a sociedade.

Assim, o modo como enxergamos as questões ligadas ao gênero parte da forma como as tratamos através da linguagem. Butler trabalha com a ideia da materialização social dos corpos através da linguagem; somos contados, vistos e tidos como importante a partir daquilo que é falado sobre nós. É através da linguagem que somos reconhecidos e nossa humanidade valorizada, através da

---

<sup>1</sup> A linguagem poderia nos prejudicar se não fôssemos, em algum sentido, seres linguísticos, seres que precisam da linguagem para existir? Nossa vulnerabilidade à linguagem é uma consequência de nossa constituição linguística? Se somos formados na linguagem, então esse poder constitutivo precede e condiciona qualquer decisão que possamos tomar sobre ela, insultando-nos desde o início, a partir de seu poder anterior.

\* Tradução livre

expressão linguística que nos tornamos corpos não abjetos, mas vivos e considerados.

Nesta pesquisa defendemos a ideia trabalhada pela filósofa Judith Butler (2003) que a linguagem desempenha um papel fundamental na construção e na manutenção das identidades e normas sociais. Através dessa visão, a linguagem e as práticas discursivas tornam-se parte essencial no processo pelo qual as identidades e normas são produzidas e reproduzidas. Num mundo no qual a linguagem é árbitra do contexto social, é fundamental pensarmos nossa comunicação levando em consideração as mudanças sociais que pretendemos provocar.

A construção de nossos discursos leva à formação da construção do sujeito generificado, uma vez que nos utilizamos do elemento comunicativo para elaboração da imagem social do sujeito. As noções de gênero que possuímos enquanto sociedade, notavelmente atreladas a um binarismo heterogêneo de ideias da constituição do ser, são fruto do discurso linguístico que usamos para sua construção social imagética. Em outras palavras, as noções que temos de termos como “feminino” e “masculino”, “homem” e “mulher”, são socialmente construídas baseadas na linguagem.

Deborah Cameron (2010) defende o entendimento de que as diferenças entre os gêneros, bem como o próprio sujeito generificado, são constituídas por recursos linguísticos, uma vez que nos utilizamos do discurso como ferramenta para elucidação e difusão de conceitos. Dessa forma, podemos entender que o gênero é uma construção social linguística que ultrapassa o campo individual e tem seu papel reconhecido quando em diálogo com a sociedade.

Podemos observar exemplos da construção social do gênero nas conversas do dia a dia em todo lugar, nos textos e nas mensagens que trocamos a todo momento. Ao que cabe a esta pesquisa, analisaremos a presença das questões linguísticas do gênero dentro da mídia jornalística profissional.

Tendo o jornalismo como uma de suas funções primordiais a representação das questões debatidas pela população, o vemos como um meio através do qual podemos analisar uma questão relativa à própria sociedade, uma vez que este trabalha com a divulgação de acontecimentos da mesma. Ainda, num mundo hiper-globalizado, intensamente conectado por meios comunicacionais e já muito

inserido na era da informação, vemos o jornalismo digital como uma fonte onde se pode analisar a presença da mídia ao mesmo tempo em que se capta a recepção de seu público, uma vez que o meio online permite uma rápida interação entre público/receptor e quem produz o conteúdo noticioso e a ampla divulgação de ideias, positivas ou negativas, relacionadas como consequência do conteúdo noticioso divulgado.

Também fazemos uso do conceito de “usuários-mídia” de Carolina Terra, que trabalha com a participação ativa do leitor no mundo digital. Vemos no campo online que a receptividade em nada se aproxima da passividade, mas sim se apresenta através da resposta, imediata e individual, no próprio meio de divulgação da mensagem. Ou seja, ao mesmo tempo em que o jornalismo faz uso dos meios digitais para divulgação noticiosa, seu público receptor utiliza-se do mesmo espaço para reagir e interagir com a mensagem divulgada, gerando um ciclo comunicativo bastante ágil de enunciação/resposta. Também é válido ressaltar o poder da individualidade no campo online, uma vez que cada indivíduo tem o poder de reagir singularmente ao conteúdo noticioso consumido, dando voz às suas reações a ele.

Sendo assim, tomamos o veículo jornalístico digital G1 do grupo Globo como campo de pesquisa para análise da discussão acerca das questões linguísticas do gênero no meio noticioso. Fazemos especial recorte para as notícias que tratam sobre o ator e humorista brasileiro Paulo Gustavo, homem cisgênero gay que possuía considerável ação no combate à homofobia através de seu trabalho artístico. A fim de especificar mais o objeto desta pesquisa, englobamos publicações ocorridas durante o período que acomete o adoecimento do ator por Covid-19 e seu decorrente falecimento, bem como homenagens póstumas de familiares e fãs, entre os meses de março de 2021 e maio de 2022. Para análise da recepção do discurso relacionado às questões de gênero, elegemos comentários deixados nas publicações das matérias na rede social Instagram, onde a problemática é debatida pelo público receptor da notícia jornalística.

O G1 foi escolhido como campo amostral por sua relação próxima com Paulo Gustavo, uma vez que o ator era da casa. Fruto do Grupo Globo, o G1 nasceu com o objetivo de ser o veículo digital do grupo, reunindo reportagens vindas de diversos programas da casa, especialmente da emissora de televisão, além de conteúdo próprio, feito para o meio online. Para melhor avaliarmos a relação entre mensagem/

receptor, elegemos a página do G1 na rede social Instagram. O perfil reúne as manchetes das principais notícias veiculadas no site, apresentando a manchete, uma imagem e uma breve legenda resumindo cada notícia e encaminhando o leitor para a página no site onde a respectiva reportagem estará completa. Nas publicações noticiosas, podemos encontrar a aba de comentários, onde os leitores do G1 são livres para expressarem suas opiniões acerca do conteúdo publicado. No Instagram, a resposta às publicações é individual e bastante rápida, de forma que se torna um campo amostral rico para análise de recepção.

O Instagram é uma rede social que conta com mais de 1,28 bilhão de usuários ativos mensais. Seu nome vem da junção dos termos em inglês “instant camera” (câmera instantânea) e “telegram” (telegrama), remendo a funcionalidade da rede de compartilhamento rápido de fotos.

A trajetória do Instagram começou no final da década de 2000, quando um aplicativo inicial chamado *Burbn* foi desenvolvido pelo programador americano Kevin Systrom e pelo engenheiro de software brasileiro Mike Krieger. Depois de diversas mudanças na ideia original, incluindo o nome, Krieger e Systrom lançaram o Instagram em outubro de 2010 como um aplicativo voltado à publicação de fotos com filtros.

O Instagram chegou ao Brasil no mesmo ano em que foi lançado, e desde 2015 o país figura na lista dos locais com mais usuários do aplicativo no mundo. Ao longo dos anos, a rede social foi desenvolvendo novas ferramentas de uso e atraindo um número cada vez maior de usuários. Em 2012, a empresa de tecnologia Meta (antiga Facebook Inc.) anunciou a intenção de compra do Instagram, em acordo anunciado de cerca de US\$1 bilhão.

A venda do Instagram fez com que o CEO da Meta, Mark Zuckerberg, se tornasse detentor do maior compilado de redes sociais ativas na época. Ainda assim, a proposta era manter as duas redes sociais principais, Facebook e Instagram, separadas. Hoje em dia, apesar de muitos recursos serem compartilhados entre ambas as plataformas, encontramos inúmeros usuários que possuem contas pessoais em apenas uma delas, de modo que seguem funcionando independentemente.

A eleição do conteúdo do Instagram como objeto de estudo deu-se pelo caráter comercial da mesma, onde personalidade famosas e pessoas comuns

dividem espaço nos comentários e visibilidade com a grande mídia, que também ocupa essas arenas discursivas. Optamos pela análise do perfil comercial do jornal digital G1, de alcance nacional, nas publicações que tangem ao adoecimento e consequente falecimento de Paulo Gustavo.

Paulo Gustavo foi um ator brasileiro que marcou presença no Brasil. Casado com o médico Thales Bretas, o humorista e comediante fazia de sua arte palco para discussão de assuntos sérios que encarava na própria vida pessoal, como a homofobia. Seus principais trabalhos, os filmes da trilogia “Minha Mãe é uma Peça”, são livremente inspirados na história de Paulo, especialmente em sua relação com a mãe, e abordam a questão da sexualidade de forma leve e divertida.

A trilogia, bem como outras produções e filmes do ator, são produtos do Grupo Globo, o mesmo que veicula o jornal G1, motivo pelo qual elegemos este veículo em particular para análise da cobertura noticiosa em torno do falecimento de Paulo Gustavo e seus desdobramentos.

Nesta pesquisa, trabalhamos com o papel da linguagem na representação da sexualidade e a participação da mídia nas disputas discursivas sobre gênero através do recorte de Paulo Gustavo. No primeiro capítulo desenvolvemos a ideia da linguagem enquanto representante dos marcadores sociais. Através do aporte teórico de Judith Butler, estabelecemos o gênero enquanto ato performático, ou seja, não implícito, performado através da linguagem. Por essa visão, somos aquilo que é dito sobre nós.

Seguindo nessa linha, desenvolvemos a ideia de disputas discursivas através do papel da mídia. Se somos o que é dito de nós, então somos aquilo que nós mesmos comunicamos, mas também aquilo que os discursos hegemônicos ditam sobre nós. Dessa forma, cria-se um paralelo, uma disputa no âmbito do discurso a respeito daquilo que é ou deixa de ser. A noção que fazemos das performances de gênero como reiterações discursivas (BUTLER, 2018 [2002]) por meio das quais essas disputas entre diferentes campos sociais atuam. E é através desses discursos que os sujeitos se constituem (FOUCAULT, 2008)

O papel da mídia insere-se nesse cenário de disputas. No segundo capítulo, ainda seguindo o recorte de Paulo Gustavo sujeito que baliza nosso campo amostral, visamos entender a presença midiática na construção das identidades de

gênero e orientação sexual<sup>2</sup>. Mais do que isso, buscamos analisar a recepção desse discurso da mídia jornalística.

Através do conceito de usuários-mídia, partimos do princípio de que no ambiente online a recepção se dá de forma mais rápida e que os papéis no processo comunicativo não se restringem a comunicador-mensagem-receptor, mas sim comunicador-mensagem-comunicador, uma vez que, mesmo sem a profissionalização que distingue o jornalismo como fonte de informações, o usuários das redes sociais onde essa mensagem jornalística é publicada são capazes de transmitir as suas próprias mensagens em diálogo com a original e com menor alcance, fornecendo um panorama da receptividade da notícia no Instagram e de como os próprios usuários e usuárias produzem seus próprios textos interagindo entre si e com o conteúdo original. Assim, esses usuários-mídias também criam suas representações textuais naquele espaço digital.

Diferentemente da mídia tradicional, que tem limites institucionais claros delimitando quem representa e quem é representado, as plataformas de mídia social tornam essa linha de demarcação mais tênue. Afinal, os próprios usuários são responsáveis por se tornarem visíveis e reconhecíveis online. Mas isso não significa, contudo, que essa diferenciação não exista. Como argumenta Thumim (2012), a autorrepresentação nas mídias sociais está sempre ligada a uma ideia de mediação. A autora sugere, por exemplo, que o simples entendimento por parte dos usuários comuns de que a autorrepresentação nas plataformas digitais “estará lá para sempre” provoca, por si só, uma gama de respostas por parte deles (THUMIM, apud CAMPANELLA, 2023, p. 3).

Por fim, no terceiro capítulo, nos aprofundamos nessa recepção a partir da análise de comentários deixados nas matérias do G1 sobre Paulo Gustavo que trazem a presença do discurso de ódio voltado à questão linguística. Elegemos comentários que especificamente tratam sobre as formas linguísticas que o portal de notícias escolheu para tratar a sexualidade do ator, buscando verificar a receptividade da performance de gênero através dos vocábulos escolhidos.

Finalizamos esta pesquisa trazendo um cenário da receptividade linguística do gênero na rede G1, dentro do recorte da morte de Paulo Gustavo, com um olhar otimista, vendo que, apesar da presença do discurso de ódio, podemos encontrar uma maior aceitação e um acolhimento expressos de maneira muito mais empática,

---

<sup>2</sup> Trabalhamos com a proposta foucaultiana de que a sexualidade é um dispositivo histórico que molda corpos e subjetividades (FOUCAULT, 1988).

na qual letramento de gênero e sexualidade aparece na mobilização de um vocabulário menos reativo e mais inclusivo quanto aos marcadores sociais mencionados.

## 1.1 O papel da linguagem na representação social

O termo “representação social” surgiu no campo dos estudos da psicologia social, criado para expressar a relação entre o eu existente no pensamento do indivíduo, sua própria visão de si e do mundo, e o eu em convívio com a sociedade, sua expressão quando em comunhão ou oposição com o outro<sup>3</sup>. Vemos, a partir desta visão preambular, que o sentido de representação social nasce da ideia de expressar aos demais, visando alcançar a compreensão coletiva, algo vivido pelo indivíduo, de forma particular ou comunitária.

Em outras palavras, é aquilo que o imaginário popular traz como primeira imagem mental quando nos referimos a determinada coisa ou situação. Quando pensamos na palavra mãe como um conceito, por exemplo, sem nos atermos a nossas próprias mães, é comum que nos venha à cabeça imagens de uma mulher adulta, em um cenário da casa, como a sala ou a cozinha, normalmente atrelada a um sentimento de amor e carinho, bem como ordem e disciplina.

Não pensamos em uma mãe adolescente, nem em uma mãe que pratica esportes radicais. Na realidade, é bem provável que nosso cérebro nos leve a pensar nas mães famosas do entretenimento, como a Dona Florinda do seriado mexicano *Chaves* (1973-1980), que marcou a infância de muitas pessoas no Brasil e na América Latina, ou mesmo Dona Hermínia, figura marcante desta dissertação, protagonista da saga *Minha mãe é uma peça* (2013-2019).

Isso acontece porque personagens como Dona Florinda ou Dona Hermínia, com seus bobes no cabelo e lenço na cabeça, são representações sociais daquilo que o imaginário latino popular espera da função de mãe. Ainda que esse imaginário venha se alterando pouco a pouco, ainda temos uma presença constante da figura feminina muito atrelada à função materna. Essa imagem é reiterada pelo movimento conservador através da proposta de um vínculo entre a moralidade e o valor de uma mulher, através do qual esta mulher só estaria cumprindo sua função social, e

---

<sup>3</sup> O psicólogo romeno Serge Moscovici trouxe conceito de representação social em sua obra *Psychanalyse: son image et son publique*, em meados na década de 1950, embasado no termo *representação coletiva*, elaborado por Émile Durkheim. Moscovici enxerga o comportamento humano como parte constituinte da realidade que, ao sair do pensamento, torna-se uma representação social do mesmo.

consequentemente, expressando seu valor, se seguir o caminho da maternidade, tal como o estereótipo do imaginário popular propõe.

Conforme crescemos, vamos vendo na sociedade na qual convivemos diversos exemplos daquilo que chamamos de funções sociais performáticas: a função de mãe, pai, madrinha, avó, etc. A partir desses exemplos, criamos expectativas em relação às atribuições que devem ser realizadas por aqueles que possuem essas funções na sociedade, ou seja, em relação à forma como devem performar determinada imagem socialmente designada. Forma-se uma persona, um ideal imaginário daquilo que cremos ser essencial para que tal função seja cumprida. Essa persona é a representação social de um papel, um modelo daquilo que a sociedade espera ver.

Quando tiramos as performances sociais do campo individual, deixamos de associar pessoas reais com quem convivemos como únicos exemplos daquele modelo imaginário e passamos a englobar a ideia social sobre o tema, mesmo que nossa realidade pessoal não seja a mesma. É por isso que figuras caricatas como Dona Hermínia fazem sucesso com a audiência, o público se identifica com o ideal social representado pela personagem pois, mesmo que na prática não tenha vivenciado experiências similares, está tão familiarizado com a representação social daquele tipo que sente familiaridade. Um conceito comum, mesmo não vivido, é familiar, por ser cria e criador da realidade social.

Podemos compreender essa ideia como uma noção trazida pelo senso comum, construída e compreendida através da vida em comunhão com o outro. Assim, podemos dizer que

[...] a realidade cotidiana apresenta-se como um conjunto de objetivações, uma rede constituída por objetos construídos por meio da interação entre os indivíduos de uma dada cultura. Essas objetivações são significadas pela linguagem, em processos representacionais, os quais se conformam enquanto um repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências que pode, então, preservar-se no tempo e transmitir-se às gerações seguintes (JOVCHELOVITCH, 2008, apud SOUSA; ACIOLI NETO & SANTOS, 2019, p. 227).

Visto que as representações sociais são ideais culturais criados pela expressão externa ao indivíduo de uma função social, é coerente pensarmos que o

meio através do qual tornamos essas ideias parte constituinte da cultura é através da linguagem. A linguagem imagética traz nossa primeira impressão de um ideal, aquilo que visualizamos como retrato palpável do conceito. É, ainda, a linguagem oral e escrita que denomina a ideia, que a distingue de uma sucessão de pensamentos e a nomeia como conceito de fato. É através da linguagem que atribuímos um juízo a uma imagem e esse conjunto a um papel social encaixado dentro da ordem organizacional da vida comum.

Essa associação linguístico/imagética pode ser associada aos regimes de visibilidade do self (CAMPANELLA, 2023). Estes exploram a atuação dos discursos na escolha daquilo que é mostrado ou não.

A autorrepresentação, por outro lado, pressupõe não apenas que “as pessoas estão fazendo isso por si mesmas”, mas também enfatiza a experiência vivida do eu individual (THUMIM, 2012, p. 8). Ela implica, pelo menos em teoria, uma noção de liberdade e escolha. Nesse sentido, autorrepresentar significaria que a pessoa que representa e é representada é menos limitada por formas externas de poder (CAMPANELLA, 2023, p. 12)

Por essa lógica, escolhemos o que queremos ou não apresentar aos demais, porém, qualquer forma de representação do self está balizada por normas e convenções sociais que extrapolam o indivíduo, de modo que aquilo que é mostrado nunca é apenas uma escolha voluntarista do sujeito. Por essa lógica, fazemos associações entre significantes e significados a partir daquilo que nos é mostrado como associativo, a partir de uma lógica social muitas vezes mercadológica. Porém, como aponta Bruno Campanella, "os regimes de visibilidade contemporâneos são, em parte, atravessados pelo poder dos sistemas algoritmos de mídias sociais, sistemas esses que dificultam o amplo entendimento de suas complexidades e repercussões na sociedade" (2023, pp. 16-17).

Porém, os algoritmos não são neutros, assim, tendem a reproduzir valores hegemônicos.

Os algoritmos são treinados para reconhecer os padrões implícitos no conjunto de dados utilizados para a aprendizagem da IA. No entanto, se os dados utilizados para o seu treinamento contarem com vieses de gênero, raça ou classe, é provável que a máquina os reproduza (DE JESUS, DE PAULA, 2023, p. 12)

No presente, as interações sociais como o lugar de ocorrência da comunicação (BRAGA, 2012, p. 26), encontram-se mediadas por recursos digitais desiguais. Não entraremos aqui, ainda, no mérito da participação ativa igualmente ou não dos participantes nessas interações. Para o presente capítulo, consideramos a linguagem como veículo da comunicação e a interação com o outro e seu cenário. De modo que a linguagem é sempre disputada, pois é política. Nessas disputas criamos os significantes e significados da linguagem, estabelecidos culturalmente, que se tornam válidos para muitos membros de uma mesma comunidade linguística, criando a ideia de grupo, que leva a ações como corrigir quem fala “errado”, ou seja, de forma diferente do restante da comunidade linguística. Basta pensarmos na recusa de muitos segmentos sociais diante da chamada linguagem neutra<sup>4</sup>.

A linguagem é um produto sociocultural, sendo assim, está imersa em relações de poder. Aprendemo-la através da convivência com os demais, assumindo valores e sentidos passados a nós pelos demais membros da sociedade. Os sentidos que cada palavra carrega nos são ensinados, difundidos através do diálogo e da imitação, formas naturais de buscar adequação ao contexto, como um bebê que fala suas primeiras palavras imitando os sons daquelas e daqueles que interagem com a criança. O conhecimento dos signos linguísticos permite que nos comuniquemos com os demais, e utilizemos de seus códigos para expressar nossas próprias opiniões e pensamentos.

A linguagem, formada por signos, expressa em si ideias e conceitos de um determinado contexto social. Consequentemente, a linguagem é portadora e materialização da expressão, e a comunicação é onde vemos a influência cultural ser demonstrada através da linguagem, seja falada, escrita, corporalizada. As imagens mentais que acarretamos a um termo, os significantes e significados que atribuímos a um signo, são frutos dessa convivência/conveniência.

Não nos esqueçamos, no entanto, que a linguagem é uma das formas privilegiadas para o exercício do poder. Sendo assim, seu potencial é tanto produtivo, em termos foucaultianos, quanto destrutivo. Podemos relacionar essa

---

<sup>4</sup> Para uma discussão aprofundada, centrada em um estudo de caso, ver BORBA, LOPES, 2018).

proposta também ao linguista John Austin. Em sua teoria dos atos de fala, Austin (1975) reflete sobre a intencionalidade do discurso e os efeitos gerados no ouvinte. O autor defende que todo ato de fala possui uma intencionalidade, tornando o discurso um enunciado performativo, que trata da performance, da execução da ação da fala. Dentro deste enunciado, encontram-se os atos perlocucionários, que se referem aos efeitos que as palavras têm sobre o ouvinte, a reação que o discurso provoca. "Estes concernem à produção de certos efeitos sobre quem a fala é dirigida, mas não produzem, necessariamente, nem o que é dito nem ao mesmo tempo que o proferimento acontece" (PEREIRA, SIERRA, 2023, p. 121). Já um ato ilocucionário

está relacionado com a produção de efeitos se houver o "reconhecimento entre os interlocutores de que algo está assegurado" (OTTONI, 2002, p. 134) e se as ações desempenhadas por esse tipo de ato forem as mesmas enunciadas, acontecendo no momento mesmo do proferimento (Idem).

Dessa forma, compreendemos porque figuras como Dona Hermínia ou Dona Florinda são facilmente associadas à imagem de mãe. Assim como a palavra mãe é atribuída a um conceito social, palavras como feminino, masculino, hétero e homossexual também o são. Todos estes termos foram cunhados para denominar, mas também para classificar, hierarquizar e desqualificar sujeitos e comportamentos.

A associação que fazemos entre o feminino e a cor rosa ou o masculino e a cor azul nada mais são que exemplos do poder de discursos de poder/saber. Tomando em conta que o discurso midiático e publicitário tem, muitas vezes, força de verdade, agindo, por exemplo, na promoção de peças de vestuário ou materiais de higiene separando o público consumidor feminino do masculino nas ditas cores. Não há nada no conceito de um termo ou do outro que o associe às determinadas cores, o que há é uma repetição constante dessa suposta ligação que foi integrada àquilo que consideramos significado destes significantes. Não existe uma linha natural entre estes significantes e significados, apenas uma co-relação construída pelo discurso. Assim, é fundamental tencionarmos a naturalidade com a qual acatamos a discursos pré-produzido e nos questionar se as associações linguísticas que fazemos são reais ou fruto do imaginário popular.

No âmbito deste trabalho, podemos considerar que as associações feitas entre rosa e feminino, por exemplo, são resultantes de atos perlocucionários promovidos pelo discurso publicitário e conseqüentemente espalhados no imaginário popular. Há na divulgação de um sapato rosa calçado nos pés de uma menina a intenção de fazer com que o público consumidor daquela propaganda acate à ideia de rosa como uma cor exclusiva do universo feminino. Ou seja, o discurso daquela propaganda foi pensado para provocar um efeito específico, essa ideia associativa entre o gênero e a cor para uma sociedade específica.

Vemos a influência do contexto sociocultural na associação entre conceitos, que se expressa através do diálogo perlocucionário. Isso implica que o sentido de um texto é definido não apenas pelas palavras que utilizamos, mas pelas circunstâncias que levaram a essa escolha. Esse pensamento de Austin se relaciona com a ideia apresentada por Judith Butler (2004) em suas considerações sobre as regulações sociais impostas à sexualidade e as relações de gênero expressas através da linguagem.

A filósofa pós-estruturalista considera “a noção de gênero [como] problemática e não pode ser pensada sem um aporte performativo da linguagem e fora das políticas que implementam mudanças nas relações de poder que existem entre os gêneros” (DUNKER; COSSI, 2017, p.1), partindo de uma inspiração na teoria psicanalítica lacaniana<sup>5</sup>, pela qual podemos compreender o sujeito enquanto resultante de sua participação no universo simbólico da linguagem.

Sendo assim, podemos entender o pensamento butleriano a partir da validação da linguagem enquanto reiteradora da representação social das questões de gênero. Aquilo que atrelamos como típico do mundo feminino ou masculino, como as roupas e brinquedos separados em setores “de menino” e “de menina”, nada mais são que resultados obtidos da construção associativa do gênero no meio social.

---

<sup>5</sup> Butler trabalha criticamente a obra de Jacques Lacan (1901-1981), que se destacou no campo da psicanálise ao “valorizar a dimensão de linguagem inerente aos processos simbólicos de subjetivação e de sexualização”, pensando “sobre o caráter ético-político das identidades, dos discursos e das práticas sexuais” (DUNKER; COSSI, 2017, p.1).

O gênero seria a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos reiterados dentro de um marco regulador altamente rígido [...], mas esses atos e gestos seriam performáticos, no sentido em que a essência ou identidade que supostamente expressam são construções manufaturadas e sustentadas através de signos corporais e de outros meios. (BUTLER, 1999, p.6-7).

Somos conduzidos a generificação de objetos, hábitos e pensares que por si só não tem qualquer distinção do tipo, partindo de uma ideia social de determinadas coisa ou comportamentos só são aceitáveis quando reproduzidos por pessoal de determinado gênero, ou seja, que atendem a uma expectativa social sobre seu gênero. Dessa forma, estabelecemos uma relação cultural entre aquilo que é adequado, ou mais importante, inadequado, para cada sujeito e/ou coletivos, baseado em uma noção linguística da identidade, inibindo a expressão individual da cada um a partir da performance de um gênero biologicamente atribuído que esperamos dessa pessoa.

Em sua obra *Lenguaje, poder e identidad* (2004, p. 10), Butler afirma que

El género no debe interpretarse como una identidad estable o un lugar donde se asiente la capacidad de acción y de donde resulten diversos actos, sino, más bien, como una identidad débilmente constituida en el tiempo, instituida en un espacio exterior mediante una repetición estilizada de actos. El efecto del género se produce mediante la estilización del cuerpo y, por lo tanto, debe entenderse como la manera mundana en que los diversos tipos de gestos, movimientos y estilos corporales constituyen la ilusión de un yo con género constante.

Como elemento inconstante, a própria definição de gênero não poderia ser restrita a nenhuma seleção pré-estabelecida de comportamentos do sujeito, pois sua característica inata de transformação constante não favorece a estabilidade. Assim, aquilo que atribuímos como respectivo da generificação binária<sup>6</sup> homem e mulher, nada mais é que a performance de uma ideia performativa.

---

<sup>6</sup> De acordo com o European Institute for Gender Equality, o termo “generificação” refere-se ao processo de socialização de acordo com as normas de gênero dominantes. Também pode referir-se à adoção de uma identidade de gênero alternativa e à transcendência de todos os modos de ser, viver e subverter o gênero (fluidez de gênero)” (2016).

Butler propõe que a realização performática dos gêneros baseia-se nas estipulações sociais das expectativas de gênero, as quais se instituem a partir de disputas discursivas, ou como propõe Michel Foucault, em dispositivos. O filósofo utiliza o termo dispositivo para descrever uma rede heterogênea que inclui discursos, instituições, arquiteturas, leis, medidas administrativas, proposições científicas, e enunciados filosóficos, morais e filantrópicos, entre outros elementos.

Em outras palavras, um dispositivo é um conjunto de práticas e mecanismos que servem a uma determinada função, geralmente ligada ao exercício do poder em uma sociedade. Foucault emprega o conceito de dispositivo para analisar como esses elementos diversos se articulam em torno de estratégias de poder, gerando efeitos sobre os indivíduos e as populações. Um dispositivo é, portanto, uma configuração estratégica em resposta a uma urgência histórica. Ainda que o autor trabalhe com dispositivo da sexualidade, propomos aqui que há também dispositivo de gênero (FOUCAULT, 1998).

Butler propõe que os gêneros, dentro do que ela chama de matriz da heterossexualidade, são além de binários, constituídos pela proposição de que há um corpo pré-discursivo, no qual o sinal diacrítico do genital definiria o masculino e o feminino. De modo que

a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula.(...) O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos (BUTLER, 2003, p.25).

A matriz heterossexual estabelece uma linearidade, portanto, entre genitais, binarizando-os em dois gêneros que, por sua vez, voltariam seu desejo um para o outro, presupondo-se, desta forma, a naturalidade da heterossexualidade.

A presença compulsória da heteronormatividade se revela nas determinações de anseios sociais relativos aos sujeitos, trazendo uma perspectiva binária ao modo de performatizarmos o gênero. A ruptura dessa linha ficcional lança o sujeito na zona marginal da abjeção.

Inspirada em Julia Kristeva, a teórica queer Judith Butler propõe pensar alguns corpos/experiências como enredadas por processos de abjeção.

Quem são os abjetos? Butler contorna a questão, pois, elencar pessoas ou grupos a partir dessa chave seria assumir uma coerência constituinte da própria ideia de abjeto, que de fato o conceito não comporta. “Suas proposições sobre a existência de corpos abjetos são francamente contraditórias. Mas, diz ela, são propositalmente contraditórias: colocadas como fórmulas performativas, são feitas para impor ou invocar essa existência ‘impossível’”. (PRINS, MAJIER, 2002, p. 156). As aspas marcam que essa “impossibilidade” não é intrínseca à condição orgânica do corpo abjeto, mas deriva das normas e convenções sociais que tornam certas vidas inabitáveis. (JÚNIOR MUGNAI, PELÚCIO, 2020, p. 101-102)

Retomando: em, sua obra *Problemas de gênero* (2003/1990), Butler aponta que a visão heteronormativa da sexualidade traz uma expectativa de que as nomeações sociais de gêneros, os caracteres sexuais anatômico-fisiológicos, os desejos e práticas sexuais devem ser concordantes. Em outras palavras, existe uma crença social de que aquilo que vemos deve ser condizente com como agimos, a aparência em harmonia com as ações. Butler quebra esse pressuposto com o uso do conceito de performatividade de Austin; uma vez que o gênero é um ato performativo, é também um ato intencional. E se precisamos de intencionalidade, derruba-se a ideia de gênero inato, predestinado e imutável.

Nessa performatividade pelos atos perlocucionários que mora o poder de atuação do discurso nas questões de gênero.

Dizer que gênero é uma norma não é exatamente o mesmo que dizer que existem visões normativas de feminilidade e masculinidade, mesmo que tais visões normativas claramente existam. Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo. Assimilar a definição de gênero à sua expressão normativa é reconsolidar inadvertidamente o poder da norma em delimitar a definição de gênero. Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados. (BUTLER, 2014, 153-154).

Para as autoras Penélope Eckert e Sally MacConnell-Ginet, a identidade de gênero é um "valor simbólico da forma linguística que está sendo constante e mutuamente construído" (1992, p. 105) de forma que não se pode abstrair-lo do contexto das práticas sociais enquadradas nele, e que tampouco uma análise perene pode ser estabelecida, uma vez que sua possibilidade de modificação é constante.

Logo, se o conceito da heteronormatividade é um aparato/dispositivo vigente no mundo ao qual tal comportamento de identificação existe, não se pode retirá-lo da observação do panorama geral de elementos que influenciam as formas de identificação de gênero. Assim, para Butler, não há como olharmos o gênero da perspectiva linguística elegida pelo próprio sujeito, só o fazemos dentro das possibilidades constrangidas, a partir das quais buscamos ressignificações, de forma que precisamos expandir para análise do pensarmos nas relações de poder que colocam a norma sob rasura.

## **1.2 A atuação da mídia na representação social da identidade**

Tomando todo discurso como um ato de fala intencional que visa a produção de efeitos no sujeito ouvinte, podemos inferir que a imagem social do gênero, o "ser homem" ou "ser mulher" não é um fato inato, determinado ao nascer, mas sim um condicionamento progressivo e socioculturalmente atribuído. Aquilo que sempre definiu o que é, ou não é, mulher ou homem, não é dado por critérios naturais, mas sim construído a partir de uma visão contextualizada socialmente da função social desses dois termos.

A mídia ocupa um campo discursivo poderoso em sociedades modernas. Contemporaneamente, pensamos em hiper-modernidade e em sociedades midiáticas. Através da mídia, recebemos uma tentativa de condicionamento para enxergar conceitos por um determinado ângulo, aquele que ela mostra. Isso acontece pois a mídia, que aqui abordamos dentro do recorte do jornalismo profissional, é mediadora da comunicação, o que confere a ela o poder de tendenciar aquilo que é pauta nas conversas do dia a dia. O exemplo que inicia este capítulo, as figuras das personagens Dona Florinda e Dona Hermínia, é um caso de influência midiática na visão da função social do conceito mãe, uma vez que atribui

uma imagem de um personagem fictício a esse conceito, tornando-o amplamente reconhecido no imaginário popular.

A linguagem que a mídia usa, os termos que ela emprega para conceptualização, são parte indissociável da visão que temos do gênero. Ao referir-se a uma mulher transexual com pronomes femininos, em respeitosa concordância com as preferências dessa mulher, a mídia implicitamente reforça a visão dela enquanto pertencente ao gênero feminino. Seu alcance massivo da população leva essa ideia adiante, fazendo com todo o público consumidor daquela mídia involuntariamente também seja exposto a essa ideia, mesmo que individualmente não concorde.

Mas a situação oposta também acontece. Quando a mídia nega a atribuição da preferência individual no tratamento linguístico do sujeito, está exercendo um papel de condicionante social, onde as ideias socialmente pré-estabelecidas são perpetuadas, ainda que se encontrem arcaicas para a contemporaneidade. São casos onde a aceitabilidade do público prevalece em relação à atualização dos marcadores sociais para o tempo presente, visando agradar àqueles ainda apegados a uma visão passada e já não exclusiva das relações sociais.

A linguista Deborah Cameron utiliza o conceito de higiene verbal para explicar essa eventual escolha vocabular da mídia. A prática da higiene verbal pode ser definida como “um conjunto heterogêneo de discursos e práticas através das quais as pessoas tentam ‘limpar’ a língua e fazer com que sua estrutura ou seus usos se conformem aos seus ideais de beleza, verdade, eficiência, lógica, correção e civilidade” (CAMERON apud BORBA, LOPES, 2018, p. 252). Nesse sentido, a escolha linguística se daria a partir daquilo que, para o emissor da mensagem, através de sua reflexão, parece mais adequado às expectativas sociais.

No caso da visão social do gênero, a tendência midiática é a heterogeneidade linguística. Temos na língua portuguesa a tendência quase que universal de generificação das palavras, sempre encaixando-as nos campos de feminino ou masculino. Poucos são os termos realmente neutros no nosso idioma, como a palavra estudante, e mesmo estes ainda são generificados pelo acréscimo dos artigos femininos (a estudante/ uma estudante), ou masculinos (o estudante/ um estudante). A variação de gênero é sempre observada no português, e toda nossa estrutura gramatical baseia-se nessa diferenciação.

Contudo, a noção de higiene verbal não aplica-se às terminações vocabulares em “o” ou “a”, tampouco em artigos ou na definição de uma palavra em masculino ou feminino. Ela refere-se à eleição de palavras em uma enunciação, no efeito que elas provocarão. Se dizer marido para referir-se a um sujeito em uma relação homossexual entre dois homens causa estranheza na sociedade, pela lógica da higiene verbal, outro termo será escolhido para cumprir a função de indicar o relacionamento, como parceiro ou companheiro.

Essa escolha, porém, afasta-os da noção exclusiva de relacionamento amoroso que a palavra marido traria. Afinal, podemos ter um ou vários parceiros de treino ou companheiros de trabalho, enquanto marido implica a noção de exclusividade, amor e compromisso perene. A opção por uma palavra em detrimento da outra indica o sentido discursivo almejado. Embora possuam significados similares em parceria, tais termos não são sinônimos, e como tal possuem nuances distintas. A escolha, portanto, se dá pelas nuances, pelas entrelinhas, pelos outros significados implícitos que são almejados ou, ao contrário, devem ser evitados.

Ao noticiar informações sobre o ator e humorista gay, Paulo Gustavo, a mídia jornalística fez escolhas editoriais a respeito de como tratá-lo e como se referirem ao marido de Paulo, Thales Bretas. Essas opções representam a visão da empresa midiática sobre o tema, mas mais do que isso, trazem reflexos inegáveis das expectativas sociais do século XXI em relação à abordagem das questões de gênero.

### **1.2.1 A vida de Paulo Gustavo e sua presença na mídia**

Nascido em Niterói- RJ, em 30 de outubro de 1978, Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros foi um ator, diretor, humorista, roteirista e apresentador com uma carreira brilhante no meio cinematográfico brasileiro. Filho de Júlio Márcio Monteiro de Barros e Déa Lúcia Vieira Amaral, a musa inspiradora da mais famosa personagem do ator, Dona Hermínia, Paulo Gustavo cresceu na região metropolitana do Rio de Janeiro, em uma tradicional família de classe média, dessas

que se encontram em qualquer lugar do Brasil, como ele mesmo diz no início do filme *Minha mãe é uma peça 1*.

Durante a infância, estudou em um colégio católico de tradição na cidade. Foi na adolescência que assumiu sua sexualidade para a família, de forma bastante espontânea, através de um questionamento direto da mãe Déa Lúcia, que queria do filho a confirmação de que era gay, como ela própria já imaginava. A história, divertida e leve, foi compartilhada por Paulo diversas vezes em entrevistas, sempre demonstrando grande felicidade e fortuna por ter uma família acolhedora, ao mesmo tempo em que reconhecia que tal recepção amorosa a uma “saída do armário” não era a realidade de muitas pessoas no Brasil.

No campo do trabalho, a trajetória de Paulo Gustavo perpassou várias áreas das artes cênicas, com sucessos no palcos e telões sendo colecionados em seus mais de 15 anos de profissão. Sua formação artística começou pela Casa das Artes de Laranjeiras (CAL). Já a estreia nos palcos profissionais deu-se em 2004, quando o jovem ator estreou sua primeira peça de destaque, “Surto”, que foi responsável por apresentar ao público brasileiro pela primeira vez a personagem que marcaria sua carreira, Dona Hermínia.

Inspirada na mãe do ator, Déa Lúcia, Dona Hermínia foi um sucesso estrondoso, arrancando risos da plateia e rapidamente cativando os corações de muitos brasileiros, que clamavam por mais histórias da famosa mamãe. A personagem apresentava a realidade de uma divertida mãe divorciada com três filhos entrando na vida adulta, que está começando a aprender a viver sozinha, com muita simpatia e várias loucuras. Com rolinhos na cabeça, quase sempre cobertos por um lenço, uma maquiagem surpreendente e uma excelente coletânea de vestidos floridos, tivemos a oportunidade de ver Paulo Gustavo se tornar uma mulher de meia idade, uma mãe como se poderia encontrar em qualquer cidade brasileira.

A história da personagem percorreu toda a carreira de Paulo Gustavo, começando nos teatros. Já em seu final de semana de estreia, contando com pouca verba, mas muita animação e talento, a peça teatral “Minha mãe é uma peça” lotou os 120 lugares do Teatro Candido Mendes, no Rio de Janeiro. O sucesso de

Hermínia foi crescendo exponencialmente com o avançar das apresentações, levando mais de 2 milhões de espectadores aos teatros. Cresceu tanto que chegou às telonas, com um impressionante total de 15 milhões de espectadores nos cinemas de todo o Brasil apenas nos dois primeiros filmes. Em sua última aparição cinematográfica, em 2019, com a estreia do filme *Minha mãe é uma peça 3*, a obra protagonizada por Dona Hermínia e estrelada por Paulo Gustavo consagrou-se como filme recordista de bilheteria no Brasil, com uma arrecadação total de R\$182 milhões.

A sexualidade de Paulo Gustavo sempre esteve presente em sua caminhada, expressa por ele em suas obras, entrevistas concedidas e também em suas próprias redes sociais, nas quais Paulo compartilhava diversos aspectos de sua vida pessoal, incluindo sua vida amorosa e familiar. Com seu jeito espontâneo, divertido e bastante direto, o ator nunca escondeu sua vida amorosa. A maioria de suas obras artísticas também possuía dentre seus personagens pessoas da população LGBTQIA +, muitas vezes interpretados pelo próprio Paulo, cuja sexualidade, embora raramente em foco, era trabalhada nas telas com naturalidade, sem tabus ou censuras de quaisquer tipos.

A história da mais famosa saga do artista trabalha bem essa questão. A protagonista Dona Hermínia, inspirada na mãe de Paulo Gustavo, não foi a única pessoa da vida real a ganhar seu sócio cinematográfico; o pai, as tias e a irmã do ator também encontraram em personagens da trilogia inspirações tiradas de sua convivência familiar. A história do próprio Paulo Gustavo serviu de inspiração para criação do personagem Juliano, filho de Dona Hermínia. Durante os três filmes da saga, podemos observar Juliano descobrindo sua sexualidade, assumindo-a para a família e publicamente, questionando-se novamente no meio do caminho, até enfim terminar o último longa, casando-se com seu amado, num perfeito final condizente com o modelo heteronormativo.

Na vida real, o casamento digno das histórias da realeza aconteceu em 2015, quando Paulo Gustavo casou-se com Thales Bretas, médico dermatologista mineiro. Em entrevista com Ana Maria Braga em seu programa matinal na TV Globo, “Mais Você”, Paulo contou que ter um grande casamento e compartilhá-lo com seus fãs

era algo importante para ele. “Fiz questão que fosse [grande] porque quis inspirar as pessoas! [...] quis falar com todo mundo que sou gay, casado, honesto e ético. Quis mostrar isso para as pessoas, transformar as pessoas” afirmou o ator durante a conversa com Ana Maria. Paulo também contou que sua mãe, Déa Lúcia, recebia de outras mães muitas mensagens contando como lidavam com seus filhos gays, o que o inspirou a continuar tocando no assunto da sexualidade abertamente em seus trabalhos.

Apesar da sexualidade considerada dissidente, a família de Paulo e Thales cresceu de uma forma padrão pela heteronormatividade, seguindo o projeto de vida que é tido como comum para a maioria das famílias brasileiras de casamento seguido por filhos. Quatro anos depois do casório, em 2019, o casal recebeu a chegada dos gêmeos Romeu e Gael, concebidos por meio de uma barriga de aluguel nos Estados Unidos com material genético de ambos os pais. Em suas respectivas épocas, tanto o casamento de Paulo quanto a gestação e o nascimento dos gêmeos foram amplamente noticiados na mídia, recebendo muita atenção ambígua, tanto de fãs do artista, quanto de pessoas se posicionando de modo ofensivo e homofóbico contra Paulo Gustavo e sua família.

O ator, que fez a maior parte de sua carreira dentro dos estúdios Globo, sempre demonstrou lidar com os comentários pejorativos de forma tranquila, sem confrontar diretamente os discursos de ódio que recebia. As críticas ao humorista vinham em tom homofóbico, mas também de uma parcela do público que o acusava de não fazer o suficiente pela representação da população LGBTQIA +.

Em entrevista à imprensa realizada em dezembro de 2022 e publicada pelo portal Terra, o marido de Paulo, Thales Bretas, afirmou que o casal sempre protestou contra o preconceito e a homofobia da melhor forma que encontraram. “A gente foi rotulado de heteronormativo, de não fazer direito a nossa militância, mas acredito que nosso casamento entrou em mais lares e famílias com essa militância suave do que poderia entrar com uma militância mais agressiva.”

Apesar das críticas a uma possível suavidade em suas afirmações, Paulo Gustavo não era do tipo que deixava de se posicionar. Durante o período eleitoral de 2018, o ator pronunciou-se através de um vídeo em sua conta pessoal na rede

social Instagram contra o então candidato Jair Bolsonaro, alegando que o considerava “agressivo com mulheres, homofóbico [...] e racista”, e pedindo aos seus seguidores que refletissem sobre os valores que cada candidato defendia sem, contudo, indicar sua intenção de voto. Durante a pandemia de COVID-19 que assolou o mundo entre o final de 2019 até meados de 2023, Paulo se pronunciou diversas vezes, pedindo às pessoas que ficassem em casa, denunciando situações preocupantes no norte do país e clamando pela chegada da vacina à população brasileira.

Em quatro de maio de 2021, em decorrência da COVID-19, Paulo Gustavo faleceu aos 42 anos, tornando-se um entre as mais de 700 mil pessoas vitimadas pela pandemia no Brasil. Na época de seu falecimento, a vacinação recém-liberada no país ainda não havia chegado à faixa etária de Paulo Gustavo.

### **1.2.2 O falecimento de Paulo Gustavo e sua cobertura pelo G1**

O falecimento de Paulo Gustavo no auge da pandemia de COVID-19 no Brasil foi um marco no conteúdo jornalístico de 2021. O impacto da perda de uma figura tão relevante no cinema brasileiro, tão ativo na defesa das medidas de proteção contra a doença e nos clamores pela chegada da vacina foi sentido por todo o país. Diversos portais de notícias acompanharam o adoecimento do ator, os cerca de quarenta e cinco dias que passou internado e o decorrente falecimento. Inúmeras notas de pesar foram divulgadas, amigos, familiares e artistas que conviviam com Paulo se manifestaram nas redes sociais, lamentando a perda do humorista e enfatizando a necessidade de prevenção contra a COVID-19.

A morte de Paulo Gustavo ocorrida poucas semanas antes da chegada da vacinação em massa à população brasileira, despertou uma onda de apoio à vacinação<sup>7</sup> e às medidas de prevenção da doença. O fato do ator não ter resistido e

---

<sup>7</sup> Nessa época, entre 2020 e 2021, o Brasil vivia um cenário de polarização político-ideológica em relação à vacinação. O então presidente, Jair Bolsonaro, propagava um discurso negacionista contrário ao isolamento e por diversas vezes duvidou publicamente da eficácia da vacinação, em pronunciamentos oficiais do governo, defendendo meios de tratamento ainda não cientificamente comprovados, como o uso do medicamento cloroquina, conforme análise do jornal O Globo (2021).

ter partido jovem, mesmo tendo acesso aos melhores tratamentos e sem histórico de doenças preexistentes trouxe um novo panorama à pandemia, mostrando com ênfase seu alcance global, em todas as faixas etárias, localidades e níveis socioeconômicos.

No portal G1, veículo jornalístico online parte do Grupo Globo, do qual também fazia parte Paulo Gustavo, todo o período de adoecimento do ator recebeu intensa cobertura midiática, bem como as diversas homenagens póstumas feitas a ele. A atenção dedicada ao ator da casa e a completude dos conteúdos jornalísticos, que registravam toda a carreira e trajetória de vida de Paulo, tornaram o G1 o veículo ideal para analisarmos o modo como a mídia tratou esse episódio marcante da pandemia no Brasil.

A trajetória do portal de notícias G1 começou em setembro de 2006, quando o Grupo Globo decidiu iniciar uma proposta de avanço no mercado do jornalismo digital, que na época ainda não possuía amplo alcance no país. Na era dos blogs, o jornalismo digital ainda dava seus primeiros passos no mundo da Internet; os poucos *sites* de notícias existentes em meados dos anos 2000 eram produtos secundários de jornais impressos ou televisivos, normalmente reprisando conteúdos produzidos para outros formatos, sem o estabelecimento de diretrizes próprias para o meio online.

O G1 foi a aposta do Grupo Globo para trabalhar com o jornalismo digital brasileiro, ao propor a criação de “uma redação própria inteiramente dedicada à cobertura noticiosa, em tempo integral” (Memória Globo), buscando distanciar-se do modelo anterior de reprodução do jornalismo escrito ou televisivo. Ainda assim, seu formato inicial começou como um replicador de notícias dos demais programas jornalísticos, trazendo uma mescla de textos do impresso e trechos já exibidos na televisão. A divisão das notícias se dava em editoriais temáticas e regionais, enquanto a *home page* do site se configurava como uma espécie de primeira página

---

Tal posicionamento gerou uma divisão na população médica e leiga, separando-os entre aqueles que apoiavam o então presidente mesmo na carência de provas científicas e aqueles que defendiam a vacinação e o isolamento, já comprovados cientificamente na época, e que ampliaram a campanha de defesa após o falecimento de Paulo Gustavo usando-o como exemplo da necessidade da vacinação em massa.

de um jornal impresso, trazendo um resumo de todas as editorias e destaques aos eventos noticiados mais importantes.

O objetivo de ter um site era focar na produção noticiosa contando com uma equipe própria e mesclando as vantagens do jornalismo impresso, radiofônico e televisivo. O mundo online trazia a vantagem de poder, em uma mesma matéria, abordar a notícia com textos e imagens, como no impresso, mas também com vídeos, como no televisivo. Tudo isso com a agilidade que até então só o rádio possuía. A possibilidade de mesclar texto, imagens e vídeos com agilidade e confiabilidade era seu grande diferencial em relação aos demais produtos jornalísticos, o que fez com que o grupo Globo se dedicasse na criação do G1, seu produto digital.

A atuação inicial do portal online se limitava à distribuição de conteúdo em suas diferentes editorias, inspiradas no jornal impresso e baseando-se majoritariamente em pautas dadas pelas redações de outros jornais do Grupo Globo. Foi apenas no ano de 2010 que o portal G1 passou a contar com um núcleo próprio de pauta, encarregada da produção de conteúdo individualizado e produzido pensando no formato e nas vantagens dos meios digitais. Esse núcleo ganhou força dentro do equipe, mediando a relação hierárquica entre o que era produzido para a *home page* e o que se destinaria às editorias.

O crescimento do G1 também ampliou seu alcance local. Parte de sua estratégia de expansão fazia uso dos pontos das redes afiliadas da Globo. Previa-se que, além da equipe da televisão, haveria, em cada praça ou afiliada da Globo, uma pequena redação dedicada ao jornalismo online. Embora esses núcleos respondessem à chefia do jornalismo local, o trabalho cotidiano era feito em total integração com o G1, obedecendo aos critérios editoriais determinados pelo portal. (Memória Globo)

A integração do G1 com as redações locais se deu de forma gradual. O Grupo Globo possui hoje cerca de 50 filiais espalhadas pelo país, com o intuito de cobrir com maior velocidade e eficiência as notícias em todos os cantos do Brasil. Cada filial passou pelo processo de incorporação da produção para o meio online em etapas, de acordo com a demanda e o alcance regional. Para isso, os jornalistas

ingressantes do time digital tinham um primeiro contato com a redação já existente, e recebiam treinamento acerca das características próprias daquele serviço e as vertentes editoriais da região. Até o *site* daquela localidade de fato ir ao ar, toda a equipe precisava trabalhar de maneira harmônica, garantindo a cobertura noticiosa daquela região em todas as suas formas de comunicação.

O aproveitamento da estrutura preexistente do jornalismo televisivo do Grupo Globo, em especial a abrangência nacional de sua cobertura, feita através das filiais locais, foi um facilitador que permitiu a rápida expansão do G1 para a forma que hoje conhecemos. Contando com o alcance e a popularidade que o canal TV Globo já possuía, a confiabilidade do público nas informações propagadas pelo G1 já nasceu fortalecida, e o site, ainda em seus anos iniciais, ganhou rápida adesão dentro do jornalismo digital no Brasil.

Atualmente, as editorias do site não são mais apenas espelho do jornalismo impresso. As abas de navegação dividem-se, além das tradicionais temáticas, como saúde, economia e educação, em regiões, onde é possível filtrar as notícias por estados e regiões metropolitanas. Há, contudo, parte do site que se mantém como replicadora de notícias dos demais produtos jornalísticos do grupo Globo, em especial os programas noticiosos televisivos da emissora Globo, que podem ser assistidos online, contando apenas com um texto descritivo como diferencial da TV. Além disso, o site conta com espaços temáticos nas grandes áreas notícias, como o GE para o esporte; o Gshow para a programação em exibição na TV, o Globoplay, como streaming do grupo para filmes e séries, e o O Globo, para as matérias ampliadas do jornal impresso.

Na cobertura do caso de Paulo Gustavo, a amplitude do alcance do G1 e o histórico do ator na casa tornaram o portal uma das maiores fontes de informações atualizadas e constantes sobre o estado de saúde em que se encontrava, até o momento de sua morte, no início de maio de 2021. As notícias no período de internação de Paulo circulavam em torno de seu estado de saúde, constantemente atualizado, seus prognósticos, recordações de declarações do ator em prol da vacinação e das medidas profiláticas e compilados de relatos de pessoas estimando melhoras a ele.

Após o falecimento de Paulo Gustavo, o portal de notícias dedicou-se a manter atualizações sobre os ritos finais dedicados ao artista, homenagens póstumas prestadas por fãs, familiares e amigos, bem como detalhadas reportagens rememorando sua brilhante carreira no mundo das artes. Fiel ao ex-integrante do elenco do grupo Globo, o G1 manteve informativos sobre diversos aspectos relacionados à vida e à morte de Paulo, como novidades sobre a família do humorista, especialmente sua mãe, marido e filhos, além da cobertura regular de iniciativas e projetos políticos vinculados ao seu nome, como a lei Paulo Gustavo, criada para incentivar o retorno dos incentivos ao setor cultural, profundamente atingido pela pandemia de COVID-19.

Ainda no mundo online, o G1 contou com sua presença no Instagram para ampliar seu alcance noticioso. A maioria das reportagens publicadas sobre Paulo Gustavo no portal era republicada no Instagram, de forma resumida e com maior enfoque em uma imagem principal e um texto de anúncio, que atua como uma espécie de manchete na rede social.

O Instagram é uma rede social criada em 2010 por dois engenheiros de programação, o norte-americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. Atualmente pertencente ao grupo Meta, a rede possui amplo alcance global, com mais 2 milhões de usuários em 2023, de acordo com uma pesquisa realizada pela organização We are social e Meltwater. Seu principal foco é o compartilhamento de fotos e vídeos, trazendo ênfase para imagem em detrimento do texto. Dentro deste ambiente virtual, personalidades famosas e pessoas comuns convivem lado a lado, todos contando com a possibilidade de expressarem suas visões de mundo através de publicações e comentários, pela interação com o conteúdo próprio, de outras pessoas e também da própria mídia.

No que tange a esta pesquisa, o Instagram nos interessa como ferramenta de interação comunicativa entre a mídia jornalística e o público receptor, avaliada pela presença dos comentários deixados nas publicações do perfil oficial do portal G1. Dentro da plataforma, “relações entre aquele que escreve e aquele que lê são estabelecidas, criando uma noção de autoria. [...] Ser lido constitui um quesito

para a autoralidade, promovendo-a, tornando-a concreta, atribuindo-lhe importância e realização.” (MARTINS, P.; RAMOS, A. 2018, p. 126)

Dentro do universo das redes sociais, podemos analisar parte da reação do público a uma publicação a partir dos comentários, que permitem a criação de uma teia de respostas que revela a aceitabilidade do texto publicado. A possibilidade de expressão individual que a ferramenta comentários permite aos usuários do Instagram fornece a estes o poder de reagir, de forma imediata e sem restrições, a um conteúdo, deixando espaço para que opiniões negativas e positivas sejam contrapostas, podendo, inclusive, abrir espaço para o debate dentro da própria esfera dos comentários. A nós interessa essa possibilidade de reação rápida, de forma a avaliarmos como a linguagem escolhida pelo G1 para tratar das sexualidades dissidentes é recebida pelo público leitor do portal. Os comentários selecionados seguiram um critério de seleção onde o trato da linguagem era enfatizado. Ou seja, escolhemos aqueles comentários que tratavam especificamente sobre a forma como o G1 escolheu referir-se à sexualidade de Paulo Gustavo e, com mais ênfase, ao papel de seu marido, Thales Bretas, como participante das notícias divulgadas.

## **CAPÍTULO 2 - O DISCURSO SOBRE O GÊNERO E SUA RECEPÇÃO**

### **2.1 A formação do discurso da mídia**

Todo veículo jornalístico possui uma linha editorial. Ela é uma das responsáveis por ditar os valores daquele veículo, e conduz quaisquer julgamentos no âmbito ético e moral que possam surgir; determinando as causas que serão defendidas, ou não, pela redação daquele jornal. A escolha dos regimes discursivos<sup>8</sup> adotados é um eco do editorial daquele jornal, confluindo com seus interesses mercadológicos e seu posicionamento político-social. A forma como a produção de notícias é conduzida, seus meios de suporte e a estratégia de divulgação e resposta ao público são consequência das influências desse regime discursivo, que por sua vez é uma expressão daquilo que é considerado moral e politicamente correto por aquele veículo em dado momento histórico.

(...) na avaliação de um fato para a publicação, o jornalista deve sempre ter em mente a política editorial, isto é, a orientação ideológica do jornal para o qual trabalha e do público para o qual se dirige (...). Os namoricos de um príncipe nenhum valor têm para um diário trabalhista, cujos leitores são em sua maioria operários e gente da classe média, mas são postos em relevo pelos jornais sustentados pelas classes nobres e abastadas (BELTRÃO, 2006, p.88 apud PAIXÃO, 2018 p.93).

Quando falamos de uma pessoa notória no país, a linguagem usada para tratar sobre ela torna-se mais relevante do que quando nos referimos a uma persona, uma ideia de função social que pode ser aplicada a muita gente, sem, contudo, aplicar-se especificamente a ninguém. Estamos tratando de um indivíduo concreto, não uma ideia abstrata, e o que a mídia escolher falar respinga diretamente nesse sujeito. Ainda assim, sendo uma figura pública, o que é dito sobre ele atinge também a população que se identifica com a mesma função social exercida por aquela pessoa famosa.

Ao tratar sobre o caso de Paulo Gustavo, a exemplo deste trabalho, a mídia precisou tomar algumas decisões editoriais, especialmente voltadas ao tratamento do gênero no discurso midiático. Através das opções linguísticas utilizadas na produção noticiosa, podemos observar as escolhas morais que aquele veículo

---

<sup>8</sup> Na visão de Foucault (2002), os regimes discursivos são as manifestações visíveis da episteme, do conjunto de saberes de uma determinada época. São as influências vistas sobre a produção e circulação do discurso.

desejava expressar, que ao tratarem sobre o ator, atingiam também toda o segmento LGBTQIA +, visto que sua fama no país é indissociável de sua sexualidade, o que o confere a ele certa representatividade perante a performatividade das sexualidades dissidentes.

Ainda assim, é importante ressaltar que embora nosso objeto de estudo, Paulo Gustavo, possa ser tomado como um exemplo dentro da população LGBTQIA +, sua trajetória não é a única representativa deste público e o modo como o jornalismo o trata enquanto figura pública não pode ser usado como parâmetro para estabelecer a forma como todas as pessoas que não se enquadram no sistema binário heteronormativo serão tratadas. A fama, bem como o carinho que recebia dos fãs, destacam Paulo do sujeito comum da população LGBTQIA + e não permitem que seu caso seja usado como exemplo genérico de como o sujeito comum seria tratado pela mídia, uma vez que a amplitude do alcance do ator é consideravelmente maior que o alcance de matérias cotidianas, sobre pessoas sem visibilidade no meio público.

A seguir, vemos as matérias elegidas para análise da construção do discurso jornalístico do portal G1, das quais também retiramos os comentários para análise da recepção desse discurso.

<b>Título da matéria 1</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Força, Paulo Gustavo! Marido de ator faz post com 'foto' dos dois velhinhos	-	04 de abril de 2021	Thales Bretas, marido de Paulo Gustavo, posta em seu perfil pessoal no Instagram uma homenagem ao ator internado com uma foto feita pela inteligência artificial representando os dois como idosos.
<b>Número de comentários</b>	2519	<b>Autoria</b>	Redação G1 Rio
<b>Link no portal G1</b>	-		
<b>Link no Instagram</b>	<a href="https://www.instagram.com/p/CNPpFW8LGIF/?igsh=NndjY3NqZ2V5ZjJh">https://www.instagram.com/p/CNPpFW8LGIF/?igsh=NndjY3NqZ2V5ZjJh</a>		
<b>Título da matéria 2</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>

Marido de Paulo Gustavo relata 'altos e baixos' da luta contra a Covid; ator passou por novo procedimento	Rio de Janeiro	09 de abril de 2021	O marido de Paulo Gustavo, Thales Bretas, fez uma publicação em seu perfil pessoal no Instagram relatando o estado de saúde do ator após quase um mês de internação.
<b>Número de comentários</b>	659	<b>Autoria</b>	Redação G1 Rio
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/09/marido-de-paulo-gustavo-relata-altos-e-baixos-da-luta-do-ator-contr-a-covid-segue-como-um-guerreiro.ghtml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/09/marido-de-paulo-gustavo-relata-altos-e-baixos-da-luta-do-ator-contr-a-covid-segue-como-um-guerreiro.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	<a href="https://www.instagram.com/p/CNdj1DGrL0a/?igsh=MXBqcHU4aXRpZzV2cA%3D%3D">https://www.instagram.com/p/CNdj1DGrL0a/?igsh=MXBqcHU4aXRpZzV2cA%3D%3D</a>		
<b>Título da matéria 3</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Paulo Gustavo segue internado e boletim médico diz que situação do ator é crítica	Rio de Janeiro	11 de abril de 2021	Nova atualização de Thales Bretas sobre o quadro de saúde do marido Paulo Gustavo, internado na UTI há cerca de um mês em decorrência da Covid-19
<b>Número de comentários</b>	-	<b>Autoria</b>	Redação G1 Rio
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/11/paulo-gustavo-segue-internado-e-boletim-medico-diz-que-situacao-do-ator-e-critica.ghtml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/04/11/paulo-gustavo-segue-internado-e-boletim-medico-diz-que-situacao-do-ator-e-critica.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	-		
<b>Título da matéria 4</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Paulo Gustavo morre de Covid no Rio, aos 42 anos	Rio de Janeiro	04 de maio de 2021	Anúncio do falecimento de Paulo Gustavo
<b>Número de comentários</b>	18.466	<b>Autoria</b>	Redação G1 Rio
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/04/paulo-gustavo-morre-de-covid-no-rio-aos-42-anos.ghtml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/04/paulo-gustavo-morre-de-covid-no-rio-aos-42-anos.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	<a href="https://www.instagram.com/p/COePB02LA3x/?igsh=MTMwa3JrY2NkOGdjOQ%3D%3D">https://www.instagram.com/p/COePB02LA3x/?igsh=MTMwa3JrY2NkOGdjOQ%3D%3D</a>		

<b>Título da matéria 5</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Paulo Gustavo deixa um legado de luta contra o preconceito	Globonews	05 de maio de 2021	A videoreportagem traz as ações realizadas em vida pelo ator e humorista Paulo Gustavo em relação ao combate ao preconceito e à homofobia
<b>Número de comentários</b>	-	<b>Autoria</b>	Redação Globonews
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/para-alem-do-humor-paulo-gustavo-deixa-um-legado-de-luta-contr-o-preconceito-9491720.ghtml">https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/para-alem-do-humor-paulo-gustavo-deixa-um-legado-de-luta-contr-o-preconceito-9491720.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	-		
<b>Título da matéria 6</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Paulo Gustavo representou mais do que o humor	Rio de Janeiro	05 de maio de 2021	Homenagens póstumas ao ator Paulo Gustavo um dia após o seu falecimento
<b>Número de comentários</b>	-	<b>Autoria</b>	Redação Bom dia Rio
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/bom-dia-rio/video/paulo-gustavo-representou-mais-do-que-o-humor-9489052.ghtml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/bom-dia-rio/video/paulo-gustavo-representou-mais-do-que-o-humor-9489052.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	-		
<b>Título da matéria 7</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Marido de Paulo Gustavo agradece mensagens de apoio e aplausos: 'Dá forças para continuar'	Rio de Janeiro	06 de maio de 2021	Thales Bretas agradece às homenagens ao ator no dia em que o corpo de Paulo Gustavo foi cremado
<b>Número de comentários</b>	-	<b>Autoria</b>	Redação G1 Rio
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/marido-de-paulo-gustavo-agradece-mensagens-de-apoi-o-e-aplausos-da-forcas-para-continuar.ghtml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/marido-de-paulo-gustavo-agradece-mensagens-de-apoi-o-e-aplausos-da-forcas-para-continuar.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	-		
<b>Título da matéria 8</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>

Marido de Paulo Gustavo publica imagem do ator vestido como Dona Hermínia e faz homenagem	Rio de Janeiro	09 de maio de 2021	Thales Bretas publica uma homenagem ao marido em seu perfil pessoal no Instagram poucos dias após seu falecimento, com uma foto da personagem mais marcante do ator, Dona Hermínia
<b>Número de comentários</b>	-	<b>Autoria</b>	Redação G1 Rio
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/09/marido-de-paulo-gustavo-publica-imagem-do-ator-vestido-como-dona-herminia-e-faz-homenagem.ghtml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/09/marido-de-paulo-gustavo-publica-imagem-do-ator-vestido-como-dona-herminia-e-faz-homenagem.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	-		
<b>Título da matéria 9</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Missa de 7º dia de Paulo Gustavo reúne amigos e familiares no Cristo Redentor; emocionada, mãe diz estar pedindo ajuda a Deus	Rio de Janeiro	11 de maio de 2021	Detalhes sobre a cerimônia da missa de 7º dia de falecimento de Paulo Gustavo, que foi transmitida ao vivo pela plataforma Globoplay, do grupo Globo
<b>Número de comentários</b>	2.219	<b>Autoria</b>	Eliane Santos, repórter do G1 Rio
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/11/missa-de-7o-dia-de-paulo-gustavo-reune-amigos-e-familiares-do-ator-no-cristo-redentor.ghtml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/11/missa-de-7o-dia-de-paulo-gustavo-reune-amigos-e-familiares-do-ator-no-cristo-redentor.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	<a href="https://www.instagram.com/p/COwMQ7GNITl/?igsh=Yjhc3Z6bndjMW9v">https://www.instagram.com/p/COwMQ7GNITl/?igsh=Yjhc3Z6bndjMW9v</a>		
<b>Título da matéria 10</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto</b>
Irmã de Paulo Gustavo manda recado a Bolsonaro: 'Nunca mais ponha na sua boca o nome do meu irmão'	Pop & Arte	30 de maio de 2021	Juliana Amaral, irmã de Paulo Gustavo, se manifesta contra o então presidente Jair Bolsonaro nas redes sociais
<b>Número de Comentários</b>	10,5 mil	<b>Autoria</b>	Redação G1
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/05/30/irma-de">https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/05/30/irma-de</a>		

	-paulo-gustavo-manda-recado-a-bolsonaro-nunca-mais-ponha-na-sua-boca-o-nome-do-meu-irmao.ghtml		
<b>Link no Instagram</b>	<a href="https://www.instagram.com/p/CPgAxyRLWy4/?igsh=cDJkeXY4N2hxbmVp">https://www.instagram.com/p/CPgAxyRLWy4/?igsh=cDJkeXY4N2hxbmVp</a>		
<b>Título da matéria 11</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: 'Meu eterno namorado'	Pop & Arte	12 de junho de 2021	Homenagem prestada por Thales Bretas ao marido Paulo Gustavo no primeiro dia dos namorados após o falecimento do ator
<b>Número de comentários</b>	686	<b>Autoria</b>	Redação G1
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/06/12/thales-bretas-faz-homenagem-a-paulo-gustavo-meu-eterno-na-morado.ghtml">https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/06/12/thales-bretas-faz-homenagem-a-paulo-gustavo-meu-eterno-na-morado.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	<a href="https://www.instagram.com/p/CQCgozUrH4w/?igsh=YTJwN2ZIMGIONHd6">https://www.instagram.com/p/CQCgozUrH4w/?igsh=YTJwN2ZIMGIONHd6</a>		
<b>Título da matéria 12</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
MP-AL denuncia pastor que disse orar pela morte do ator e humorista Paulo Gustavo	Alagoas	08 de setembro de 2021	Após pronunciar-se de forma homofóbica contra Paulo Gustavo, pastor alagoano é denunciado pelo Ministério Público de Alagoas
<b>Número de comentários</b>	-	<b>Autoria</b>	Roberta Batista e Vivi Leão, repórteres do G1-AL
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2021/09/08/mp-al-denuncia-pastor-que-disse-orar-pela-morte-do-ator-paulo-gustavo.ghtml">https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2021/09/08/mp-al-denuncia-pastor-que-disse-orar-pela-morte-do-ator-paulo-gustavo.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	-		
<b>Título da matéria 13</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Thales Bretas, marido de Paulo Gustavo, joga cinzas do humorista em parque em Nova York	Pop & Arte	05 de dezembro de 2021	Sete meses após o falecimento de Paulo Gustavo, seu marido Thales Bretas joga suas cinzas em Nova York
<b>Número de</b>	-	<b>Autoria</b>	Redação G1

<b>comentários</b>			
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/12/05/thales-bretas-marido-de-paulo-gustavo-joga-cinzas-do-humorista-em-parque-em-nova-york.ghtml">https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/12/05/thales-bretas-marido-de-paulo-gustavo-joga-cinzas-do-humorista-em-parque-em-nova-york.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	-		
<b>Título da matéria 14</b>	<b>Editoria</b>	<b>Data</b>	<b>Contexto da notícia</b>
Thales Bretas publica homenagem a Paulo Gustavo, morto há um ano	Pop & Arte	04 de maio de 2022	Homenagem postada por Thales Bretas em seu perfil pessoal no Instagram recordando um ano do falecimento do marido Paulo Gustavo
<b>Número de comentários</b>	160	<b>Autoria</b>	Redação G1
<b>Link no portal G1</b>	<a href="https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/05/04/thales-bretas-publica-homenagem-a-paulo-gustavo-morto-ha-um-ano.ghtml">https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/05/04/thales-bretas-publica-homenagem-a-paulo-gustavo-morto-ha-um-ano.ghtml</a>		
<b>Link no Instagram</b>	<a href="https://www.instagram.com/p/CdI9-H6MzbM/?igsh=MTN6NHowODVxMWNubA%3D%3D">https://www.instagram.com/p/CdI9-H6MzbM/?igsh=MTN6NHowODVxMWNubA%3D%3D</a>		

"*Marido de Paulo Gustavo agradece mensagens de apoio e aplausos: 'Dá forças para continuar'*" (Manchete de uma reportagem sobre o falecimento de Paulo Gustavo veiculada pelo G1 Rio em 06/05/2021). A escolha do termo marido para referir-se a Thales Bretas reforça o compromisso amoroso do médico com o ator.

globo.com g1 ge gshow globoplay o globo

MENU **g1** RIO DE JANEIRO

## Marido de Paulo Gustavo agradece mensagens de apoio e aplausos: 'Dá forças para continuar'

Corpo do ator será cremado nesta quinta-feira (6) em uma cerimônia restrita à família e a amigos próximos. Thales Bretas agradeceu os aplausos que Paulo Gustavo recebeu em homenagem em Niterói e no Rio de Janeiro.

Por G1 Rio  
06/05/2021 07h36 - Atualizado há 2 anos

Imagem 1 - Manchete sobre o falecimento de Paulo Gustavo veiculada pelo G1 Rio em 06/05/2021).

“*Brasil perde Paulo Gustavo pra COVID-19*” (Chamada da reportagem “Paulo Gustavo representou mais que o humor”, veiculada pelo programa televisivo Bom Dia Rio no G1 em 05/05/2021). A escolha da thumbnail do vídeo trazendo uma foto de Paulo e Thales no dia de seu casamento deixa clara a escolha editorial sobre como abordar a sexualidade de Paulo Gustavo.



Imagem 2 - *Thumbnail* da reportagem “Paulo Gustavo representou mais que o humor”, veiculada pelo programa televisivo Bom Dia Rio no G1 em 05/05/2021.

“*Para além do humor, Paulo Gustavo deixa um legado de luta contra o preconceito*” (Chamada de uma reportagem sobre a atuação de Paulo Gustavo nas pautas sociais, veiculada pelo programa televisivo Jornal Globonews edição das 18 no G1 em 05/05/2021). A reportagem aborda a participação do ator na militância pelas causas dos direitos das pessoas LGBTQIA + e os espaços que ele concedeu através de sua posição para o diálogo com outras pautas sociais, como o racismo.



Imagem 3 - Chamada de uma reportagem sobre a atuação de Paulo Gustavo nas pautas sociais, veiculada pelo programa televisivo Jornal Globonews edição das 18 no G1 em 05/05/2021.

A mídia brasileira (aqui representada pelo portal online G1, pertencente ao grupo Globo, onde Paulo Gustavo era contratado) elege uma ideia, baseada em seus ideais editoriais, e a transmite ao seu público leitor, fomentando a construção de uma imagem atrelada às performatividades de gênero sociais. Contudo, o processo comunicativo não se extingue no discurso monológico; ele abre espaço para o diálogo. As funções sociais performáticas, tal como expresso no próprio termo, são construídas socialmente, não integralmente incorporadas da mídia. Por isso, devemos considerar que a formação de um ideal, embora influenciada pela mídia, só se assenta naquilo que é compreendido pela sociedade, construído a partir da reação do leitor ao que lhe foi apresentado pela mídia.

Fazendo uso da lógica barberiana no campo da comunicação, podemos inferir que o processo comunicativo possui uma ação, a enunciação, e uma reação, a resposta a essa enunciação primeira. No caso da mídia, ela é a responsável pela ação inicial, expondo o público a uma ideia. A reação que o público terá ao que lhes foi apresentado compõe a segunda parte do processo comunicativo, constituindo um diálogo constante de exposição/resposta.

Já concluímos que a mídia compõe sua argumentação baseada em seus valores editoriais, seus interesses mercadológicos e seu posicionamento político-social, e os expõem através das notícias veiculadas. Também sabemos que, para que haja comunicação, o público precisa reagir a essas notícias. O que resta é determinar a forma como essa recepção se dará.

No caso das matérias escolhidas para representar a cobertura jornalística acerca de Paulo Gustavo, podemos perceber que o G1 elege frequentemente o termo “marido” para tratar sobre Thales Bretas, com quem Paulo era casado. Essa escolha linguística em específico é a mais debatida pelo público leitor nos comentários da rede social Instagram, onde essas matérias também são veiculadas.

É importante destacarmos que, ao mesmo tempo em que a opção pela palavra “marido” traz uma carga de reafirmação do compromisso matrimonial entre os dois homens, também vemos um discurso heterogeneizado, uma vez que utiliza-se do mesmo vocábulo para tratar as partes de um casal independente de sua composição hétero ou homossexual.

O próprio termo “casal” também é questionado dentro dos comentários do Instagram, através, na maioria dos casos, de um discurso que defende seu uso apenas para tratar de parceiros de sexos diferentes. Vale lembrar que na Língua Portuguesa o termo “casal” não se restringe ao uso com conotação amorosa, uma vez que é comum encontrarmos enunciados como “casal de irmãos”, por exemplo, para referirem-se a uma dupla de pessoas de sexos diferentes. Ainda assim, seu uso principal dentro da gramática brasileira segue sendo referência à combinação amorosa, proveniente do termo “casamento”, de forma que o questionamento de seu uso para pessoas casadas em relação homossexuais sujeita a abertura do debate da homofobia, uma vez que o conceito da palavra já os engloba pelo próprio casamento.

## **2.2 A recepção do discurso da mídia pela lógica barberiana**

Da mesma forma que a mídia utiliza-se de seus valores para eleição de suas pautas e da respectiva forma de tratamento das mesmas, a maneira como o público

leitor reage a isso representa o outro lado deste ciclo comunicativo, trazendo por intermédio de seus comentários expressões de seus próprios valores socioculturais. Sua aceitação, rejeição ou mesmo neutralidade em relação ao discurso midiático mostra a forma como aquela comunicação foi recebida, e a maneira como esse leitor reage a ela é sua mediação, sua função dentro deste processo comunicativo.

Os conceitos da Teoria das Mediações Culturais, elaborada por Jesús Martín-Barbero (MARTÍN-BARBERO, 2009), nos auxiliam nessa análise de recepção. Partindo do pressuposto que para que haja comunicação, é necessário a existência de ao menos dois agentes ativos no processo, retomamos aqui uma ideia apenas mencionada no capítulo anterior, a participação ativa dos membros do diálogo. É necessário nos afastarmos da ideia da mídia como único componente do processo comunicacional, delegando aos receptores o papel de ouvintes passivos, o que nos permite realocar o enfoque da comunicação para as mediações culturais.

Martín-Barbero propõe um cenário onde não há ruído no processo de comunicação; todos os conflitos e contradições gerados pelo diálogo fazem também parte do sistema comunicacional. Considerando-os como parte do processo de recepção, também o analisamos como diverso, sem que haja uma única forma, exclusiva e correta, de interpretação da informação recebida. Para o teórico, são os conhecimentos socioculturais do contexto de cada sujeito que determinam seu modo de recepção daquilo que lhe foi enunciado.

Em outras palavras, Martín-Barbero propõe que a comunicação da mídia com as massas não é uniformizada, uma vez que é composto por indivíduos distintos, e cada um deles parte sua interpretação da mensagem de sua própria bagagem cultural e contexto socioeconômico. Ou seja, é justamente a individualidade, não o coletivo, que leva à recepção e interpretação da comunicação.

Voltando seu olhar à interação gerada pelo processo comunicacional como um todo, a lógica barberiana propõe que

a verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem

consigo seu manual de uso – transmite ao receptor.  
(MARTIN-BARBERO, 2002, p. 55)

O modo de interação, mais que a mensagem enunciada em si, é o responsável pelo funcionamento do processo comunicacional. É a interação dos valores e do contexto de quem diz, aplicados ao que dito, e dos valores e contexto de quem recebe, ao interpretar o que é dito.

Ao focar seu eixo de análise da comunicação a partir da vertente cultural individualizada, Martín-Barbero propõe uma locomoção da mídia do papel central para um não secundário, mas complementado pelo papel do receptor, onde as individualidades são determinantes. Aqui, no que cabe à esta pesquisa, compreendemos a mídia enquanto participativa na elaboração das performances sociais, não responsável por sua definição completa. A interpretação individual ainda atua na compreensão da mensagem veiculada, de forma que esta pode ser compreendida em sua integralidade, parcialmente, ou ser completamente ignorada pelo sujeito.

É o resultado das reações de diversos sujeitos que formam o que chamamos de senso comum, e é nele que a mídia costuma embasar suas escolhas, partindo das respostas receptivas previamente conhecidas e sem dissociarem-se de seus valores editoriais. Dessa forma, é válido considerarmos que “o que é produzido e apresentado pelos meios não tem ligação unicamente com a lógica produtiva ou comercial, mas também se relaciona com os desejos dos receptores, que são trabalhados pelo discurso hegemônico.” (DANTAS, 2008, p.5)

A mediação proposta por Martín-Barbero se faz presente no modo de tratar a informação passada do emissor ao receptor.

O receptor, quando em contato com os meios (mediação), ‘negocia’ os sentidos com esses meios. Essa negociação se dá quando, ao observar [o que se noticia] e o que ele pratica em seu contexto, o receptor aproveita partes dos discursos oriundos dos meios. Ele de fato digere o que importa baseado em suas práticas cotidianas. (MIDIERSON; TERRA, 2014, p.274).

Nesse sentido, considerando a recepção parte indissociável da mediação, nos dedicamos à compreensão da relação estabelecida entre mídia e seu público receptor, considerando que a participação de ambos os agentes do processo comunicativo são essenciais e sofrem interferências de sua própria cultura e valores intrínsecos. Para os fins desta análise, cujo objeto amostral debruça-se sobre o perfil de notícias online, nos dedicamos às medições no campo digital e consideramos o público receptor dentro deste processo comunicativo dentro das facilidades proporcionadas pelas ferramentas da Internet.

### **2.2.3 Os usuários-mídia**

No meio digital, o processo de mediação tem dois diferenciais que não encontramos nos demais suportes jornalísticos: o imediatismo da resposta e a pluralidade de opiniões possíveis. Quando soltamos uma matéria online, todo internauta com acesso a rede de Internet tem o poder de deixar ali sua opinião sobre o que leu. Isso permite ao veículo ter uma noção do retorno do público e sua percepção do conteúdo muito mais rapidamente. Além da velocidade, a quantidade de respostas diretas que a mídia recebe no meio online é incalculavelmente maior do que a resposta obtida após uma publicação impressa ou televisiva.

Quando tratamos de meios de comunicação como rádio, televisão e impresso, víamos, em seu início, uma reação do público ao conteúdo de forma mais lenta. Ela podia ser exposta de forma direta, por uma carta do leitor ou um telefone para a rádio, por exemplo; mas, na maioria dos casos, se expressava de forma indireta, pelas conversas do dia a dia. Levava um tempo até que esse retorno chegasse ao meio de comunicação que publicou a notícia, e este meio só tem a possibilidade de ajustar seu conteúdo às expectativas do público quando toma conhecimento delas.

Com o suporte online não é assim. Logo após a publicação de uma matéria, cada internauta tem a possibilidade de, individualmente e de forma direta, expressar sua opinião sobre aquele assunto. O retorno é muito mais rápido e plural. Temos a

chance de ver concordâncias e desagradados numa mesma reportagem, enquanto para o veículo a possibilidade de filtrar esses comentários é muito menor, dado ao seu alcance. Atualmente, mesmo veículos que se utilizam de meios como rádio e impresso também possuem seus recursos digitais, de forma a acompanhar esse movimento de rápida interação com o público.

A Internet permite um diálogo muito mais próximo e veloz do que qualquer outro meio de comunicação, dando oportunidade aos seus usuários de mediarem prontamente o conteúdo recebido. “A complexidade dos fenômenos de comunicação aumenta de acordo com a evolução das formas que possibilitam as trocas de mensagens, como é o caso das novas tecnologias como a internet e celular” (MIDIERSON; TERRA, 2014, p. 274-275). Assim, a expressão da subjetividade e dos desejos do receptor se tornam amplificadas, ganhando um alcance que cresce equivalente ao crescimento da mídia na qual aquela opinião é expressa.

A necessidade de levarmos em consideração o meio de circulação da notícia para análise da mediação no processo comunicacional nos expõe a um novo conceito, o de circulação, proposto por Fausto Neto. Vivemos em um mundo contemporâneo no qual a própria forma de circulação da informação passa a ser um terceiro elemento na comunicação, tão fundamental quanto os primordiais enunciador e receptor. Como vimos acima, a veiculação online permite que o processo comunicativo tenha acesso a mecanismos que não teria em qualquer outro meio de divulgação, o que diferencia seu processo de análise do que seria feito nos demais meios. As características que singularizam o meio digital são indissociáveis de qualquer processo comunicativo que se dê nele.

A circulação – transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em “jogos complexos” de oferta e de reconhecimento – é nomeada como dispositivo em que se realiza trabalho de negociação e de apropriação de sentidos, regidos por divergências e, não por linearidades. (FAUSTO NETO, 2010, p. 63)

O autor defende que a noção de circulação é resultante da mudança de *status* do receptor, que adquire um perfil muito mais ativo no processo comunicacional, tornando a experiência com a mídia mais individualizada e dinâmica.

Não mais mantidos à distância, os receptores se tornam um co-operador destes processos passando integrar a própria cena produtiva midiática, nos seus mais variados formatos e gêneros. A complexificação tecnológica expõe o trabalho da circulação, muda os ambientes, as temporalidades, as práticas sociais e discursividades, os processos, o status dos sujeitos (produtores e receptores), as lógicas de contatos entre eles e os modos de envio e reenvio entre eles diluindo fronteiras outrora cristalizadas, em favorecimento desta nova “zona de contato”, mas também de indeterminações. As convergências não geram apenas homogeneizações, pois as mídias apontam para seus medos de “trafegar na solidão”, diante das lógicas de heterogeneidades que caracterizam o novo caminhar dos receptores. (FAUSTO NETO, 2010, p. 64-65).

Neste novo cenário heterogêneo da comunicação, vemos ressurgir uma mídia, já menos dominadora em face da presença massiva e implacável do receptor, que detém ele mesmo o poder de tornar-se enunciador e porta-voz do discurso. A esse novo status do receptor, Carolina Terra dá o nome de usuário-mídia, considerando-os como “aqueles produtores de conteúdo no ambiente digital, munidos de ferramentas colaborativas que os permitem criar blogs, podcasts, participar e gerir comunidades, mobilizar-se por meio da web, direcionar protestos, emitir opiniões”. (2009, p.1)

Essa noção de usuários-mídia nos ajuda a contextualizar o processo de recepção das notícias veiculadas pelo portal G1 referentes ao ator Paulo Gustavo, o enfoque midiático na questão do gênero e suas opções editoriais e a reação social provocada pela contato individual e coletivo com as sexualidades dissidentes através de sua representação na mídia.

### **CAPÍTULO 3 - A REPERCUSSÃO DO DISCURSO MIDIÁTICO**

Quando analisamos os comentários deixados pelo público leitor nas matérias do G1 sobre o Paulo Gustavo, vemos, em sua maioria, textos que trazem estima, carinho e saudade do ator brasileiro. Ainda assim, dentre eles podemos selecionar enunciados cujo objetivo visa destacar negativamente as sexualidades dissidentes,

através do questionamento dos vocábulos elegidos pelo portal para composição e o trato das figuras de suas matérias.

Para realizarmos esta pesquisa, selecionamos 14 matérias publicadas pelo portal G1 que tratam sobre Paulo Gustavo durante o período de março de 2021 até maio de 2022, cobrindo o adoecimento, falecimento e homenagens póstumas ao autor, com especial enfoque para aquelas que tratam sobre a sexualidade de Paulo na manchete, através da presença da palavra “marido”. O campo amostral desta seleção se mostrou muito vasto, cerca de 6 mil comentários deixados no perfil do portal G1 na totalidade das publicações das matérias. Na impossibilidade de analisar um corpus tão extenso, selecionamos os primeiros 50 comentários de cada matéria, e dentre estes utilizamos como critério de seleção para análise aqueles comentários que tratavam especificamente da linguagem utilizada pelo G1 para tratar sobre a sexualidade de Paulo e seu relacionamento com Thales.

A partir destes dados, podemos obter as informações de que a maior parte dos comentários deixados no perfil do Instagram do G1 é, de fato, positiva. Entretanto, podemos analisar, dentre os 50 comentários selecionados de cada matéria, que uma média de 20% deles era negativa. Dentre desse percentual, uma quantia menor, cerca 10% tratavam especificamente sobre a escolha vocabular do perfil no trato de uma sexualidade dissidente, o que leva a um resultado de 1 a 2 comentários desse nicho por publicação.

Na matéria “Nunca mais ponha na sua boca o nome do meu irmão”, publicada pelo portal G1 em 30 de maio de 2021 vemos uma notícia sobre a resposta que a irmã de Paulo Gustavo, Juliana Amaral, publicou em suas redes sociais para a declaração do então presidente Jair Bolsonaro lastimando o falecimento do ator. Nos comentários deixados na publicação do Instagram referente a esta notícia, encontramos os seguintes discursos:



Imagem 4 - Capa no Instagram da matéria “Irmã de Paulo Gustavo manda recado a Bolsonaro: ‘Nunca mais ponha na sua boca o nome do meu irmão’” publicada em 30/05/2021

Comentário 1: “Acho que as pessoas deveriam tomar cuidado com o que elas falam, mesmo sendo através de uma peça, um teatro. A palavra tem poder ainda mais contra um Deus poderoso.”

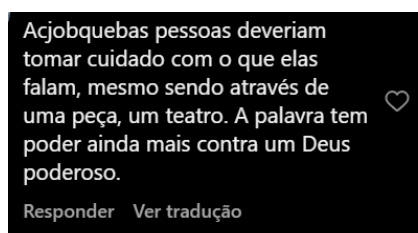


Imagem 5 - Comentário no Instagram na matéria “Irmã de Paulo Gustavo manda recado a Bolsonaro: ‘Nunca mais ponha na sua boca o nome do meu irmão’” publicada em 30/05/2021

Comentário 2: “Essa mulher é uma Panfora, o irmão dela estava gravando na globo, a culpa é deles que pregaram o # fica em casa, e saíram para gravar. Portanto BOLSONARO tem razão.”

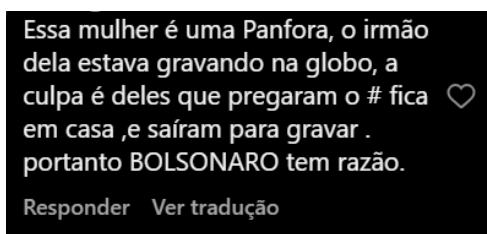
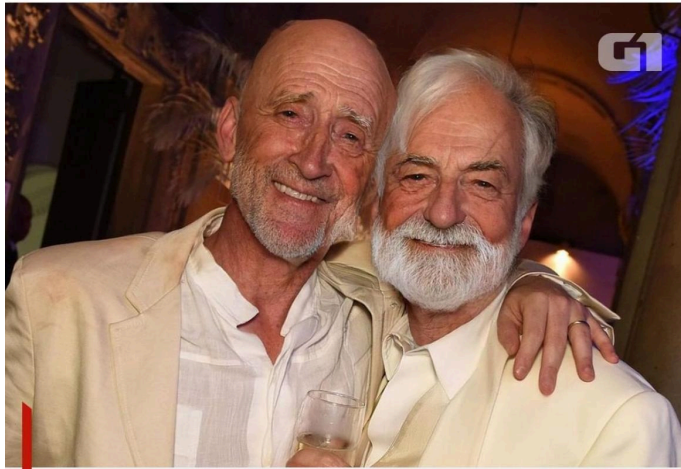


Imagem 6 - Comentário no Instagram na matéria “Irmã de Paulo Gustavo manda recado a Bolsonaro: 'Nunca mais ponha na sua boca o nome do meu irmão’” publicada em 30/05/2021

Na matéria “Força, Paulo Gustavo! Marido de ator faz post com ‘foto’ dos dois velhinhos”, publicada pelo portal G1 em 04 de abril de 2021 na plataforma Instagram, temos uma notícia do período em que Paulo Gustavo estava internado e seu marido Thales utilizou seu perfil pessoal na rede social para estimar-lhe melhoras. Na aba dos comentários do público, encontramos o seguinte texto:



**Força, Paulo Gustavo!** Marido de ator faz post com 'foto' dos dois velhinhos. <3 <3



147.393 curtidas

Imagem 7 - Capa no Instagram da matéria "Força, Paulo Gustavo!. Marido de ator faz post com 'foto' dos dois velhinhos" publicada em 04/04/2021

Comentário 3<sup>o</sup>: "Falta de vergonha na cara, casal é um macho e uma fêmea, ridículo isso"

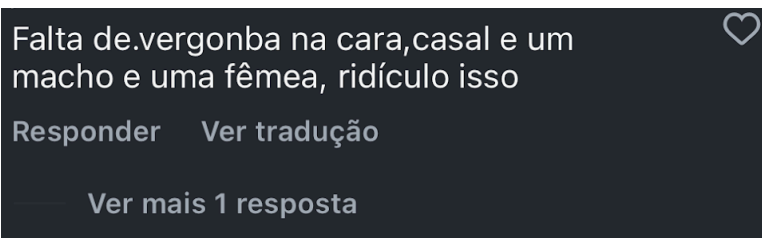


Imagem 8 - Comentário no Instagram na matéria "Força, Paulo Gustavo!. Marido de ator faz post com 'foto' dos dois velhinhos" publicada em 04/04/2021

<sup>9</sup> Os comentários foram editados para melhor coesão e coerência gramatical, mantendo a essência do texto e os vocábulos escolhidos pelo autor original.

Já na publicação “Thales Bretas faz homenagem a Paulo Gustavo: ‘Meu eterno namorado’”, postada no Instagram em 12 de junho de 2021, onde vemos uma homenagem do marido de Paulo no primeiro dia dos namorados após o falecimento do ator, encontramos comentários como:



Imagem 9 - Capa no Instagram da Matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021

Comentário 4: “Casal é homem e mulher, está na Bíblia Sagrada. Por conta do pecado do ser humano ocorre os exemplos para que o ser humano reflita sobre a maneira correta de viver a vida.”

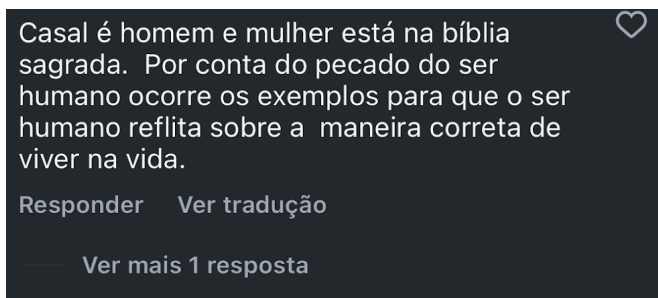


Imagem 10 - Comentário na matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021

Ainda, na reportagem sobre a missa de 7º dia de falecimento de Paulo, que traz como título no Instagram um trecho do discurso de Thales Bretas na cerimônia (“Te amarei para sempre. Seu brilho, que tanto iluminou meus dias, agora nos ilumina lá de cima. O céu tem uma grande estrela de volta e eu espero ter a honra de cruzar de novo com essa luz na eternidade.” - Thales Bretas, marido de Paulo Gustavo na missa de 7º dia do ator”), encontramos mais comentários relacionados a forma como Thales foi referido na matéria do G1:

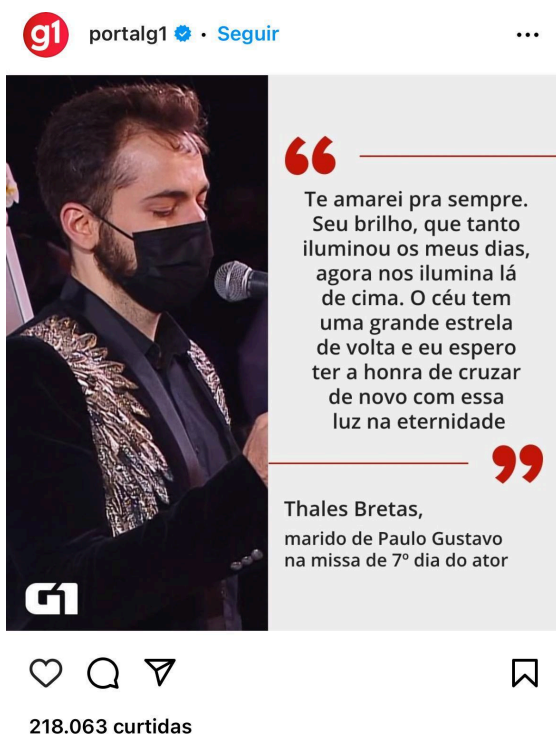


Imagem 11 - Capa no Instagram da matéria “Missa de 7º dia de Paulo Gustavo reúne amigos e familiares no Cristo Redentor; emocionada, mãe diz estar pedindo ajuda a Deus”, publicada em 11/05/2021

Comentário 5: “Respeito muito. Mas a palavra marido não está correta. Seria: companheiro.”

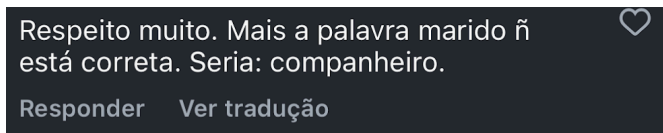


Imagem 12 - Comentário na matéria “Missa de 7º dia de Paulo Gustavo reúne amigos e familiares no Cristo Redentor; emocionada, mãe diz estar pedindo ajuda a Deus”, publicada em 11/05/2021

Este último comentário abre espaço para debatermos qual seria a nomenclatura adequada para referir-se aos membros de uma casal homossexual. Embora o termo “companheiro”, como o internauta sugere, seja de uso comum para referir-se a casais do mesmo sexo, o termo “marido” segue sendo o mais adequado nessa situação, uma vez que Paulo Gustavo e Thales Bretas eram casados no âmbito civil.

Ainda, vale destacar como a presença do discurso religioso é utilizada numa tentativa de legitimar a homofobia, fazendo uso de crenças pessoais como juízo da moral alheia e aplicando padrões dessa moralidade estabelecidos no âmbito privado para fora da esfera individual, no mundo coletivo.

A partir dos textos acima, podemos observar que o empreendedorismo moral procura tornar os atos de fala performativos em perlocucionários, isto é meramente descritivos, fazendo uso de eufemismos como uma espécie de disfarce que busca encobrir o discurso de ódio. Mais ainda, podemos perceber a presença dos sujeitos autores dos comentários enquanto usuários-mídia, uma vez que foram capazes de propagar seu discurso na mesma página onde está a notícia original, quase que imediatamente após sua publicação.

O ambiente virtual acelerou o movimento de resposta e ampliou seu alcance. Isso torna a presença dos usuários-mídia na Internet um fator a ser considerado na própria produção midiática, uma vez que as barreiras que antes separavam jornalistas do público são hoje muito mais transponíveis. Dessa forma, é essencial considerarmos a presença do sujeito ativo como parte influente da “re-resposta” da

mídia, ou seja, da atuação midiática após um confronto prévio com a opinião do público, analisando como este discurso midiático se adequa para alcançar e envolver seus leitores.

### **3.1 O discurso de ódio na mídia**

Na última década, vimos no Brasil uma gigantesca mudança no cenário político-social. Depois de quatro eleições presidenciais sequenciais que resultaram na vitória de presidentes vindos de partidos considerados de esquerda, a vitória de Jair Bolsonaro (2019-2022) em 2018 representou a ascensão da extrema direita ao poder no país.

Liriam Sponholz (2020) discute esse reposicionamento do jogo político enquanto “intrinsecamente ligado a dois fenômenos da comunicação: As mídias digitais (Krämer, 2017; Alvares; Dahlgren, 2016) e os discursos de ódio (Wodak, 2015).” (p. 221). Na realidade brasileira, a pesquisadora apresenta a estratégia de imagem que levou Jair Bolsonaro ao poder, feita através da construção de sua imagem pública, especialmente nas redes sociais, com base no próprio discurso de ódio, definido por ela como “uma forma consciente e/ou intencional de gerar simbolicamente iniquidade entre pessoas por conta de uma categoria coletiva como origem, cor da pele, gênero, religião, orientação sexual, entre outros.”

Esse tipo de estratégia política gera efeitos diretos na população eleitoreira; o discurso de ódio, em seu extremismo, visa atrair o apoio dos eleitores contrários às pautas por ele condenadas. No âmbito da comunicação, essa construção da imagem do candidato Bolsonaro em torno do discurso de ódio gera visibilidade, pois sua posição política de destaque tem poder de pautar aquilo que será falado na mídia. Uma vez na mídia, o discurso ganha amplitude e passa a circular nas conversas cotidianas cada vez mais.

Assim, os valores conservadores defendidos pelo discurso de ódio, especialmente os direcionados à discriminação da população LGBTQIAPN+, como

pregado por Bolsonaro em sua campanha na mídia, chegam às pautas diárias e ganharam amplitude com as vozes que os representavam no Planalto. Com esse eco constante, as violências estruturais que marcam a história do Brasil, como sexismo e a influência do pensamento religioso em decisões políticas, expandiram-se pelas esferas pública e privada, e o discurso de ódio usado como alavanca para a ascensão da extrema direita ao poder passa a ter maior protagonismo nas mídias, em especial nas redes sociais.

Comentário 6: “Se Deus quiser, ele pode tirar destas situação, mas se aver um arrependimento de coração desta práticas sodomitas que ambos levam, Levítico 20:13 1 Coríntios 6:10, arrependam de coração, que Deus faz milagres para que o nome dele seja glorificado.”

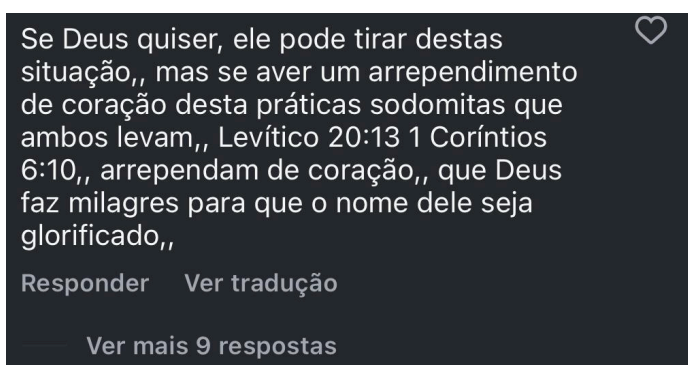


Imagem 13 - Comentário no Instagram na matéria “Força, Paulo Gustavo! Marido de ator faz post com ‘foto’ dos dois velhinhos” publicada em 04/04/2021

A pesquisadora Dr<sup>a</sup> Suéllen Keller (apud SILVA e FERREIRA, 2019, p.13) define esse momento da história do Brasil como uma “ofensiva do conservadorismo”, um momento sociocultural e político quando assistimos a uma inflexão conservadora como forma de resposta articulada aos avanços que o País havia vivido desde a primeira década deste século. A reação à política de cotas raciais e sociais; a popularização das pautas feministas; as políticas redistributivas como o Bolsa Família desafiaram a “estrutura patriarcal-classista-sexista-racista” que tem se mantido como herança colonial.

[...] ao analisarmos discursividades produzidas sobre as dissidências sexuais e de gênero na atual governamentalidade neoconservadora, insistimos que os discursos de ódio têm mais a nos dizer do que as narrativas comuns usualmente supõem, isto é, não acreditamos que este tipo de discurso possa ser entendido como uma composição fixa do significado literal de suas partes: discurso e ódio. Desconfiamos, inclusive, das buscas por uma localização pré-discursiva e mais “segura” do ódio, geralmente subsumida na soberania do sujeito ou dos signos. Sabemos que a procura por um sujeito que odeia (sempre patológico) ou mesmo por uma lista restrita de palavras consideradas ofensivas não são critérios muito úteis para rechaçar determinados enunciados e enunciações, pois para além da arbitrariedade dos signos, a linguagem também é aquilo que fazemos com as palavras (BUTLER, 1997 apud SIERRA; PEREIRA, 2023, p. 114).

Fazendo uso da lógica butleriana, a ala conservadora da sociedade se apropria da linguagem para tornar seus discursos elementos disseminadores do ódio, verdadeiros discursos de ódio com o objetivo de atacar aquilo que difere do seu ideal de pensamento.

### **3.1.1 A linguagem como ferramenta do discurso**

Nas redes sociais, a realidade do contexto político-social é espelhada através dos sujeitos digitais, inseridos na lógica da conectividade, cuja propagação do discurso de ódio é abertamente veiculada através da interação permitida pelo ambiente virtual. O caso do falecimento de Paulo Gustavo mostra essa interação; através das pautas propostas pela mídia jornalísticas, os internautas possuem a liberdade de reagirem aos que foi exposto ali, trazendo em suas opiniões aquilo que acreditam, o que muitas vezes implica na enunciação do discurso de ódio.

Em diversas matérias publicados no Instagram que tratam sobre homenagens póstumas destinadas a Paulo, vemos no setor dos comentários as reações dos leitores pendendo entre os extremos do carinho pelo ator e a repulsa por sua

sexualidade, expressa através da presença de injúrias, comumente anuviada pela utilização de justificativas morais, sejam elas de cunho político ou religioso.

Comentário 7 : “Eu nem sabia quem era esse Paulo Gustavo antes de morrer, só porque é guey fizeram um santo, pra mim continua a mesma merda”.

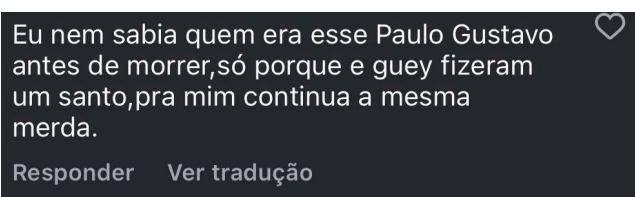


Imagem 14 - Comentário na matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021

Comentário 8: “Globo lixo é contra a família”

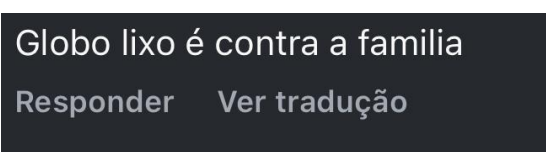


Imagem 15 - Comentário na matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021

Comentário 9: “Coisa feia dois machos juntos, é apenas minha opinião”.

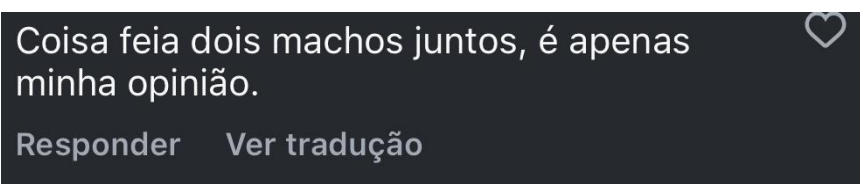


Imagem 16 - Comentário na matéria “Thales Bretas faz homenagem no 1º Dia dos Namorados sem Paulo Gustavo: meu eterno namorado” publicada em 12/06/2021

Sendo essa uma ação enunciativa, vemos a presença da linguagem enquanto mecanismo que permite sua realização, a própria existência do discurso, seja injurioso ou não. Judith Butler (2021) afirma que

A linguagem poderia nos ferir se não fôssemos, de alguma forma, seres linguísticos, seres que necessitam da linguagem para existir? [...] Se somos formados na linguagem, então esse poder constitutivo precede e condiciona qualquer decisão que venhamos a tomar em relação a ela, insultando-nos desde o princípio, por assim dizer, por seu poder prévio. (BUTLER, 2021, p.3)

Consideramos, portanto, a linguagem como aquilo que define o que é cada elemento no mundo, através de uma descrição tecida em palavras. É através da linguagem que ganhamos consciência da existência de algo, quando o nomeamos e damos a ele uma definição. Fazendo uso das palavras de Butler, podemos dizer que “discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (2002, p. 163). Como discutimos no primeiro capítulo, é através da linguagem que esses corpos deixam de ser abjetos e passam a ser vistos dentro de sua própria humanidade.

Butler continua a embasar esse pensamento ao manifestar que “a linguagem sustenta o corpo não por trazê-lo à existência ou por alimentá-lo de maneira literal; ao contrário, é por ser interpelada nos termos da linguagem que certa existência social do corpo se torna possível.” (2021, p. 6) Pela visão butleriana, aquilo que somos ou deixamos de ser ganha visibilidade social quando dito através da linguagem.

Com essas proposições em mente, nos inspiramos na teoria de Butler sobre a linguagem enquanto parte atuante da construção da identidade e em suas reflexões sobre o papel da injúria como influenciadora do estatuto social do sujeito, bem como sua atuação como ferramenta para a ação política.

### **3.2 A intencionalidade dos atos de fala**

Butler usa as proposições propostas por J. L. Austin (1911-1960) para refletir sobre os efeitos do discurso injurioso no receptor da mensagem. Para que um enunciado seja considerado efetivo, ou seja, estabeleça seu caráter performático, atinja seu objetivo, temos que considerá-lo em relação ao contexto no qual esse discurso está inserido. Para tanto, Austin distingue os atos de fala em

“ilocucionários” e “perlocucionários” (2021, p. 2 -3). Os atos de fala ilocucionários são aqueles que “fazem o que dizem e no momento em que dizem”, enquanto os atos de fala perlocucionários são aqueles que “produzem certos efeitos como consequência; quando algo é dito, certo efeito é produzido”.

No que toca a este trabalho, nos interessa a diferenciação dos atos de fala proposta por Austin e Butler de forma que possamos estabelecer o princípio constitutivo dos discursos de ódio analisados, buscando compreender seus efeitos na construção social do sujeito ou sua atuação enquanto ferramenta política. Ainda, faz-se necessário ressaltar que Butler defende a hipótese de que ter a forma de um discurso performático não garante a esse enunciado uma efetividade, ou seja, nem toda injúria produz uma reação no sujeito ouvindo. É necessário estabelecer a contextualização da fala e as consequências posteriores dela obtidas.

Nas matérias aqui selecionadas, vemos que a contextualização da fala jornalística do G1 se dá pela pelos contornos da vida de Paulo Gustavo, que justifica as escolhas editoriais do veículo. Já as consequências são aqui percebidas pela recepção do discurso nos comentários do Instagram, no que tange a eleição de vocábulos para tratar das sexualidades dissidentes.

Vemos nos textos destacados que o moralismo é usado como ferramenta que visa transformar os atos de fala performativos em atos de fala perlocucionários, produzindo efeitos decorrentes daquele enunciado. O efeito almejado aqui, acredita-se, é a descredibilização daquilo que a notícia trouxe como ação positiva, as homenagens prestadas ao ator, semeando a discórdia com base em uma cosmovisão particular pertencente ao autor do comentário. Apoiado ou não por um discurso de cunho religioso, o moralismo se expressa como principal forma de ataque ao discurso midiático, mais uma vez enfatizando a tentativa do uso de valores individuais como pesos e medidas para o julgamento alheio.

Tal esforço discriminatório, porém, não se mostrou eficaz. Isso porque os enunciados injuriosos foram prontamente combatidos pelos próprios internautas, gerando interações onde a condenação do discurso partia do retorno da própria sociedade. Percebemos nos discursos aqui analisados é que a sociedade, especialmente as partes dela consideradas como minorias sociais e políticas, como

a população LGBTQIAPN+, diretamente atacada aqui, é capaz de transformar essa injúria em ferramentas para ação política, combatendo o discurso de ódio tomando-o como parte de sua luta, num ato de desafio àqueles que produziram os atos de fala injuriosos.

A possibilidade política de retrabalhar a força do ato de fala para combater a força da injúria consiste em apropriar-se da força do discurso deturpando-a desses contextos anteriores. A linguagem que combate as injúrias do discurso, no entanto, deve repetir tais injúrias sem recolocá-las em ação com exatidão. Tal estratégia consiste em afirmar que o discurso de ódio não destrói a agência necessária para gerar uma resposta crítica. (BUTLER, 2021, p. 83)

Assim, embora possamos de fato encontrar uma quantidade considerável de comentários injuriosos repletos de discursos de ódio questionando o uso de termos heteronormativos ou afetivos para o trato de casais homossexuais, vemos uma porcentagem muito maior de comentários positivos, de aceitação não apenas dos vocábulos escolhidos, mas daquilo que eles representam, o que mostra um cenário mais favorável e otimista para as disputas discursivas sobre gênero que travam suas batalhas no meio online.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luz dos pensamentos de Judith Butler em relação ao gênero e sua visão do mesmo como socialmente construído, intencional e performático, visamos nesta pesquisa analisar através do corpus do G1 o alcance da influência da mídia no tocante à visão das funções sociais, sua construção frente ao coletivo e as influências do meio no sujeito.

Vimos através dos recortes das matérias relacionados ao ator Paulo Gustavo que o uso vocabular, de marido ao invés de companheiro, ou casamento ou invés de união, provocam no texto um sentido mais inclusivo às sexualidades dissidentes. O uso de termos heteronormativos, como marido e casamento, não visa a higiene verbal proposta por Cameron, mas sim a normalização dos relacionamentos homossexuais frente à mídia brasileira, pois usa a familiaridade de vocábulos já conhecidos do imaginário popular atrelando-os a novas funções sociais, levando aos poucos a um condicionamento do ideal romântico nas produções midiáticas.

Buscamos o uso da Teorias das Mediações de Martín-Barbero (2008), juntamente com as noções de circulação de Fausto Neto (2010) e usuários-mídia de Carolina Terra (2009), para estabelecer um panorama da comunicação no meio online, em paralelo ao processo comunicacional nos meios tradicionais. Estabelecemos que o meio de circulação afeta diretamente a mediação e a relação entre enunciador/ mensagem e mensagem/ receptor, de forma que os papéis, no contexto virtual, se mesclam e combinam, ao passo que não há mais uma distinção clara entre quem pode promover conteúdos ou não.

Neste sentido, partindo do princípio onde estabelecemos a mensagem inicial propagada pela mídia e sua intencionalidade, realizamos uma análise da recepção desta mensagem em relação ao público, agente ativo do processo da comunicação, a partir da aba dos comentários da rede social Instagram, compreendendo algumas das diversas formas de influência da mídia no discurso cotidiano e onde este encontra seus limites no contexto sociocultural do sujeito receptor.

Consideramos, ainda, pertinente concluir que o empreendedorismo moral procura tornar os atos de fala performativos em perlocucionários, isto é meramente descritivos. Anuímos com o poder da linguagem defendido por Butler, sua participação da construção da realidade social, bem como com suas declarações sobre as dimensões dos atos de fala e da forma de combate ao discurso de ódio feita através da apropriação do mesmo para geração de uma resposta crítica à injúria proferida, uma resposta social a esse ato.

O caso do falecimento precoce de Paulo Gustavo foi palco para inúmeras outras batalhas discursivas, onde questões similares podem ser observadas. A presença do discurso de ódio, especialmente voltado à sua sexualidade, é um dos pontos de encontro comuns em diversos comentários feitos sobre o assunto, nas publicações selecionadas, bem como em muitas outras mais. Mas o combate a esse ódio enunciado por parte da sociedade também se faz esmagadoramente presente, trazendo discursos repletos de carinho, admiração, e verdadeira lástima pela morte do ator.

Sendo assim, talvez possamos considerar o próprio Paulo Gustavo enquanto um ser disruptivo, que combateu em vida e em morte o preconceito e a pregação de valores incompatíveis com a dignidade humana. O que podemos afirmar com certeza é que Paulo Gustavo foi uma figura marcante na história brasileira, e seu legado ainda perdurará por muito tempo. Na conclusão deste trabalho, só podemos agradecer ao ator por tudo que este deixou para nós.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Revista Comum**, Rio de Janeiro. v.6, n.º 17, p. 111-125, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://dialetricas.com/wp-content/uploads/2020/09/opapel-1.pdf>. Acesso em 10 jan. 2024.

ANDRADE, Daniela. **Questões linguísticas envolvendo gênero, sexualidade e interação social**. Resenha do livro Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos (OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz) em Revista Estudos Feministas. 19 (1) • Abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100023> Acesso em: 09 mar. 2022.

BERGAMO, T. M. de M.; TERNES, J. Foucault, o Discurso, os Saberes Escolares. **Revista Educativa - Revista de Educação**, Goiânia, Brasil, v. 15, n. 2, 2013. DOI: 10.18224/educ.v15i2.2523. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/2523>. Acesso em: 19 abr. 2024.

BESSA, L.; MOTTER, C.; CAPIBARIBE, F.; VIERO, F. . Comunicação, Gêneros e Sexualidades. Esferas, v. 1, n. 27, p. I-XIII, 26 ago. 2023.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana Cristina. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. Artigo em **Revista Estudos Feministas**. 16 (2) • Ago. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200006> Acesso em: 11 mar. 2022.

BORBA, Rodrigo. **Discursos transviados: por uma linguística queer**. Cortez Editora, 2020.

BORBA, Rodrigo. Sobre os obstáculos discursivos para a atenção integral e humanizada à saúde de pessoas transexuais. **Revista Sexualidad, Salud y Sociedad**. Rio de Janeiro: ago 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/7gWcLdkfL8hs3vJDyhp7mLb/?lang=pt> Acesso em 02 abr. 2024.

BORBA, R.; CARVALHO LOPES, A. **Escrituras de gênero e políticas de différence**: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. Revista Linguagem & Ensino, v. 21, p. 241-285, 8 mar. 2019.

BORGES, Lucivanda C.; SALOMÃO, Nádia M. R. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**,

Porto Alegre, UFRGS. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000200013> Acesso em: 17 nov. 2023.

BRAGA, JOSÉ LUIZ. Interação como contexto da Comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, USP. v. 6, nº 1, p. 25-41, jul./dez. 2012. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/1430/143024819003.pdf> Acesso em 10 jan. 2024

BUTLER, Judith. **El género en disputa: El feminismo y la subversión de la identidad**. Barcelona: Paidós, 2001.

BUTLER, Judith. **Gênero em tradução: além do monolinguismo**. Tradução por Fernanda Miguens e Carla Rodrigues. Dossiê em Cadernos de Ética e Filosofia Política | v. 39, n.º 2, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v39i2p364-387> Acesso em: 21 mar. 2022.

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Regulações de gênero**. Cadernos pagu, n. 42, p. 249-274, 2014.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CAETANO, Kati Eliana; REICHMANN LEMOS, Anuschka. À margem do olhar, à margem da imagem - regimes de visibilidade na fotografia documental. **Razón y Palabra**, n. 59, out.-nov., 2007. Universidad de los Hemisferios Quito, Ecuador. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1995/199520703018.pdf> Acesso em 20 ago 2024.

CAMERON, Deborah. **Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual**. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (org.). Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos São Paulo: Parábola, 2010. p. 129-149.

CAMERON, Deborah; KULICK, Don. Hablar de sexo y pensar en sexo: La lingüística y la construcción discursiva de la identidad. **La manzana de la discordia**, ISSN

1900-7922, ISSN-e 2500-6738, Vol. 2, Nº. 1, 2007 (Ejemplar dedicado a: Gênero en Brasil), págs. 93-111. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8892878> Acesso em: 20 mai. 2024

CAMERON, D. **Verbal hygiene**. London:Routledge, 2012.

CAMPANELLA, Bruno Roberto. **Regimes de visibilidade na era das mídias sociais: transformações e continuidades**. Galáxia (São Paulo), v. 48, p. e62494, 2023.

COSSI, Rafael K.; DUNKER, Christian I. L. A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. **Psicologia Clínica e Cultura**, Brasília, UNB. v. 33, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3344> Acesso em: 03 jan. 2024.

DANTAS, José G. Teoria das mediações culturais: uma proposta de Jésus Martín-Barbero para o estudo de recepção. **Diálogos possíveis**, Salvador, UNISBA. v. 7 n ° 2, p. 23-29, 2008. Disponível em:

<https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/286/281> Acesso em: 19 jan. 2024

DE STEFANI, Dorival, AZEVÊDO Ariston. A linguagem gerencial analisada à luz da teoria dos atos de fala de J. L. Austin: estudo do pensamento de Peter Drucker. **Revista de Ciências da Administração**. 2014, 16(40), 173-190. ISSN: 1516-3865. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273532832012> Acesso em 02 abr. 2024.

DI FANTI, Maria da Glória C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos.

**VEREDAS - Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, UNISINOS. v.7, nº1 e nº2, p.95-111, jan./dez. 2003. Disponível

em:<https://periodicos.ujf.br/index.php/veredas/article/view/25268/14293> Acesso em: 14 nov. 2023

FAUSTO NETO, Antônio. **As bordas da circulação...** ALCEU - v. 10 - n.20 - p. 55 a 69 - jan./jun. 2010 Disponível em:

[http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20\\_Neto.pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Neto.pdf) Acesso em: 22 mar. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber (Vol. 1)**. Rio de Janeiro: Graal, p. 11-12, 1988.

FOUCAULT, Miché. (1994). O que é um dispositivo? In **Ditos e Escritos** (Vol. IV, pp. 299-307). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1977).

GENERIFICAÇÃO. In: **European Institute For Gender Equality**. Lisboa, 2016.

Disponível em:

[https://eige.europa.eu/publications-resources/thesaurus/terms/1339?language\\_content\\_entity=pt#:~:text=No%20que%20respeita%20%C3%A0s%20pessoas.g%C3%A9nero%20\(fluidez%20de%20g%C3%A9nero\)](https://eige.europa.eu/publications-resources/thesaurus/terms/1339?language_content_entity=pt#:~:text=No%20que%20respeita%20%C3%A0s%20pessoas.g%C3%A9nero%20(fluidez%20de%20g%C3%A9nero).). Acesso em 14 nov. 2023.

**HISTÓRIA DO G1**. Memórias Globo. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/produtos-digitais/busca/g1/historia/#:~:text=G1-,O%20portal%20de%20not%C3%ADcias%20da%20Globo,de%20audi%C3%A2ncia%20no%20jornalismo%20digital.&text=No%20dia%2018%20de%20setembro,de%20Jornalismo%2C%20Carlos%20Henrique%20Schroder>. Acesso em: 20 mar. 2022.

**INTERCOM** - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, X, 2008, São Luís.

DANTAS, José. Teoria das Mediações Culturais: Uma Proposta de Jesús Martín-Barbero para o Estudo de Recepção. São Luís, 2008. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/r12-0015-1.pdf>  
Acesso em: 20 mar. 2022.

**INTERCOM** - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. TERRA, Carolina Frazon. A comunicação organizacional em tempos de redes sociais online e de usuários-mídia. São Paulo, 2009. Disponível em:

[http://rpalavreando.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Artigo\\_Intercom2009.pdf](http://rpalavreando.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Artigo_Intercom2009.pdf)  
Acesso em: 22 jun. 2023

JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai Vieira; PELÚCIO, Larissa. **Memes, fake news e pós-verdade ou como a teoria de gênero vira uma “ideologia perigosa”**.

Estudos de Sociologia, v. 25, n. 48, 2020.

LIMA, Pedro Eduardo; FERREIRA, Solange Alves. O caráter responsável-vulnerável na inteligibilidade de atos de fala cujo potencial perlocucionário performa identidade(s) de gênero com vistas à venda de produtos para o público feminino: agência na carência?. **Revista Temporis[ação]**; Goiás, v. 1, n. 10, 2009. Disponível em:

[https://web.archive.org/web/20180504035623id\\_/http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/viewFile/34/19](https://web.archive.org/web/20180504035623id_/http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/viewFile/34/19) Acesso em: 02 abr. 2024.

LOPES, Adriana; BORBA, Rodrigo. **Escrituras de gênero e políticas de *différance***: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. Artigo em Linguagem & Ensino, Pelotas, v.21, n. esp., |VIII SENALE| p.241-285, 2018. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/viewFile/15198/9376> Acesso em: 10 mar. 2022.

MARQUES, Ana. Instagram: o que é, história e como funciona a rede social. **Tecnoblog**, 2024. Disponível em:  
<https://tecnoblog.net/responde/instagram-o-que-e-historia-e-como-funciona-a-rede-social/#h-qual-e-a-historia-do-instagram> Acesso em 20 fev 2024.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MÉLLO, Ricardo. **Corpos, heteronormatividade e performances híbridas**. Artigo em Psicologia & Sociedade. 24 (1) • Abr. 2012. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000100022> Acesso em: 19 mar. 2022.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, p. 150-182, 2009.

MISKOLCI, Richard. Dossiê: percursos digitais: corpos, desejos, visibilidades. *In*: Discreto e fora do meio” – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos pagu** (44), janeiro-junho de 2015, p. 61-90. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/cpa/a/JmxJYtts7JszNqsdMdp7Xy/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 ago 2024.

OSTERMANN, Ana C.; FONTANA, Beatriz (Org.) Linguagem, Gênero, Sexualidade: Clássicos Traduzidos. SÃO PAULO: PARÁBOLA, 2010, p. 166. *In*: **Cadernos de Pesquisa** v.42 nº145 p.298-329 jan./abr. 2012. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/cp/a/rTRJhYFk5rK7mYYHdfMFbXh/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 18 dez. 2024

PAIXÃO MARCOS, Patrícia Sheila Monteiro. **Linha editorial no jornalismo brasileiro**: conceito, gênese e contradições entre a teoria e a prática. Revista Alterjor, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 1, p. 90–108, 2018. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/137224..> Acesso em: 12 out. 2024.

PAKUŁA, Łukasz; CHOJNICKA, Joanna. **When the obligation to be neutral becomes the right to discriminate:** discursive struggles over lgbt+ rights at polish universities. 2020. Dossiê em Trabalhos em Linguística Aplicada, 59 (3), Sep-Dec 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138831011120201204> Acesso em: 18 mar. 2022.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo:** uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. Annablume - Fapesp, 2009.

PELÚCIO, Larissa; DUQUE, Tiago. “Cancelando” o cuier. **Contemporânea**, v. 10, n. 1, p. 125-151, 2020. Disponível em: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2316-1329.131> Acesso em: 20 ago. 2024.

PEREIRA, Tamires Tolomeotti; SIERRA, Jamil Cabral. **ATOS DE FALA EM AUSTIN E BUTLER: O PERFORMATIVO NOS DISCURSOS DE ÓDIO NEOCONSERVADORES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE.** In LAU Héilton, SOUZA-SILVA, André L. , MICHAKIEWICZ ,Zuleica A.. Linguagens em múltiplas faces: uma agenda de estudos teóricos e aplicados São Paulo: Pimenta Cultura, 2023.

PETRY, Analídia R.; MEYER, Dagmar E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 -198, jan./jul.2011|. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/7375/6434> Acesso em: 20 mai. 2024.

PINO, Angel L.B. Processos de significação e constituição do sujeito. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto. v.1 n.1, 1993. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1993000100004&script=sci\\_artt\\_ext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1993000100004&script=sci_artt_ext) Acesso em: 20 nov. 2023.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. **Como os corpos se tornam matéria:** entrevista com Judith Butler entrevista com Judith Butler. In: Estudos Feministas, v. 10 n. 01 (2002) Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v10n01/v10n01a09.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

RAMOS, P.; MARTINS, A. .Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. 2018. Artigo na **Revista Texto Digital**. v. 14 n. 2 (2018). Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2018v14n2p117> Acesso em: 20 mai. 2024

RECUERO, Raquel. **Disputas discursivas, legitimação e desinformação:** o caso Veja x Bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018. 2019. Artigo na revista ESPM

Comunicação, Mídia e Consumo. v. 16, n. 47 - 2019. Disponível em:  
<http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v16i47.2013> Acesso em: 18 mar. 2022.

SALERNO, Laura Peretto. Discursos sobre gênero e sexualidade no Facebook.  
**Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 30, n. 1, 2022. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/79552>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTOS, Magda G. Simone de Beauvoir. “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.  
**Sapere Aude - Convite ao Pensar**, Belo Horizonte, PUCMinas. v.1, nº 2, p.108-122,  
2º sem. 2010. Disponível em:  
<https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/2081/2250> Acesso  
em: 12 dez. 2023.

SILVA, Douglas; MACHADO, Rodrigo. **Gêneros, sexualidades e práticas de  
letramentos literários: um olhar decolonial para as listas de leituras obrigatórias  
dos vestibulares**. Dossiê em Trabalhos em Linguística Aplicada, apl. 60 (3) •  
Sep-Dec 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103181311064811520211024>  
Acesso em: 18 mar. 2022

SILVA, Ellen F. G.; SANTOS, Ms. Suely E. B. **O impacto e a influência da mídia  
sobre a produção da subjetividade**, 2009. Disponível em:  
[https://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/447.%20o%  
20impacto%20e%20a%20influ%C3%94ncia%20da%20m%C3%ADdia.pdf](https://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%C3%94ncia%20da%20m%C3%ADdia.pdf) Acesso em: 04 jan.  
2024.

SOUSA, Y. S. O., ACIOLI NETO, M. L., & SANTOS, M. F. S. Mídia e representações  
sociais: Uma proposta de matriz teórico-metodológica. In J. M. F. Lucena, S. B.  
Souza, E. M. CostaFernandez, & M. I. P. C. Pedrosa (Orgs.). **Interação social e  
desenvolvimento humano** (Vol. 2 - Pesquisa em psicologia: diversidade e modos  
de fazer, p. 225–250). Recife: EdUFPE. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/profile/Yuri-Sousa/publication/344286375\\_Midia\\_e\\_rep  
resentacoes\\_sociais\\_uma\\_proposta\\_de\\_matriz\\_teorico-metodologica/links/5f637d00  
458515b7cf39e7a8/Midia-e-representacoes-sociais-uma-proposta-de-matriz-teorico-  
metodologica.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Yuri-Sousa/publication/344286375_Midia_e_representacoes_sociais_uma_proposta_de_matriz_teorico-metodologica/links/5f637d00458515b7cf39e7a8/Midia-e-representacoes-sociais-uma-proposta-de-matriz-teorico-metodologica.pdf) Acesso em: 10 dez. 2023.

SPONHOLZ, Liriam. **O papel dos discursos de ódio (online) na ascensão da  
extrema direita: um aporte teórico**. Revista Confluências. Niterói/RJV. 22, n.3,  
2020|. p. 220-243. Disponível em:  
<https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/47124/27350>

TERRA, Carolina Frazon; MIDIERSON, Maia. **Usuário-mídia: a relação entre a  
comunicação organizacional e o conteúdo gerado pelo internauta nas mídias sociais**.  
2011. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de

Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v6i2p270-289> Acesso em: 20 mar. 2022.

WARMLING, Diego Luiz. **Butler leitora de Beauvoir: o gênero como ato performativo**. Griot: **Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 16–38, 2020. DOI: 10.31977/grirfi.v20i3.1835. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/griot/article/view/1835>. Acesso em: 02 abr. 2024.

WE ARE SOCIAL; MELTWATER. Digital 2023 Global Overview Report. **We are Social**. Wales, 26 jan. 2023. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2023/01/the-changing-world-of-digital-in-2023/> Acesso em: 20 mai 2024.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2012.

## Notícias de Portais Jornalísticos

- DIAS, Leo. Relembre o luxuoso casamento de Paulo Gustavo e Thales Bretas. **Metrópolis**. 04 maio 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/relembre-o-luxuoso-casamento-de-paulo-gustavo-com-thales-bretas> Acesso em: 20 nov. 2023.
- GUERRA, Rayanderson. Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais; leia as frases. **O Globo**, 20 mai. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384> Acesso em 02 abr. 2024.
- HOSKEN, Pedro. Paulo Gustavo lembra como se declarou gay à mãe, se emociona e revela motivo lindo para cerimônia grandiosa de casamento. **Hugo Gloss**, 23 set. 2019. Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/famosos/paulo-gustavo-relembra-como-se-declarou-gay-a-mae-se-emociona-e-revela-motivo-lindo-para-cerimonia-grandiosa-d-e-casamento/> Acesso em: 14 jan. .2024.

- MATOS, Caio. Os homossexuais na visão de Bolsonaro. **Congresso em Foco**, 25 set. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/os-homossexuais-na-visao-de-bolsonaro/> Acesso em 12 mar. 2024
- REDAÇÃO. Marido de Paulo Gustavo agradece mensagens de apoio e aplausos: 'Dá forças para continuar'. **G1 Rio**. 06 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/marido-de-paulo-gustavo-agradece-mensagens-de-apoio-e-aplausos-da-forcas-para-continuar.ghtml> Acesso em: 20 nov. 2023
- REDAÇÃO. Para além do humor: Paulo Gustavo deixa um legado de luta contra o preconceito. **Jornal Globonews**. 05 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/para-al-em-do-humor-paulo-gustavo-deixa-um-legado-de-luta-contr-o-preconceito-9491720.ghtml> Acesso em 20 nov. 2023.
- REDAÇÃO. Paulo Gustavo: 'Cadê a vacina, meu Deus', postou o ator em rede social dias antes de ser internado. **Estado de Minas**. 05 maio 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/bbc/2021/05/05/interna\\_internacional,1263605/paulo-gustavo-cade-a-vacina-meu-deus-postou-o-ator-em-rede-social-dias.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/bbc/2021/05/05/interna_internacional,1263605/paulo-gustavo-cade-a-vacina-meu-deus-postou-o-ator-em-rede-social-dias.shtml) Acesso em: 14 jan. 2024
- REDAÇÃO. Paulo Gustavo representou mais do que o humor. **Bom dia Rio**. 05 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/bom-dia-rio/video/paulo-gustavo-representou-mais-do-que-o-humor-9489052.ghtml> Acesso em: 20 nov. 2023.
- TOMAZ, Reginaldo. Viúvo de Paulo Gustavo lembra críticas ao casamento: “Nos acusavam de militar errado”. **Terra**, 15 dez. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/viuvo-de-paulo-gustavo-lembra-criticas-ao-casamento-nos-acusavam-de-militar-errado,d5f2cf941fdd1673edf0557fa903ed8e76ujirjf.html> Acesso em: 14 jan. 2014.